



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

Mateus Alves Garcia

A CONTRIBUIÇÃO DAS GEOGRAFIAS FEMINISTAS LATINO-AMERICANAS PARA
OS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Florianópolis
2023

Mateus Alves Garcia

A contribuição das geografias feministas para os estudos migratórios

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Maria Helena Lenzi

Florianópolis

2023

Garcia, Mateus Alves

A CONTRIBUIÇÃO DAS GEOGRAFIAS FEMINISTAS LATINO-AMERICANAS PARA OS ESTUDOS MIGRATÓRIOS / Mateus Alves Garcia ; orientadora, Maria Helena Lenzi, 2023.

67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. geografia feminista. 3. migração. 4. gênero. 5. interseccionalidade. I. Lenzi, Maria Helena . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Geografia. III. Título.

Mateus Alves Garcia

**Título: A CONTRIBUIÇÃO DAS GEOGRAFIAS FEMINISTAS
LATINO-AMERICANAS PARA OS ESTUDOS MIGRATÓRIOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Geografia.

Local Florianópolis, 07 de Dezembro de 2023.

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Maria Helena Lenzi, Dr.(a)
Orientador(a)

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Lindberg Nascimento Júnior Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Azânia Mahin Romão Nogueira, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal da Bahia

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Laroyê Exu!

Primeiramente, saúdo e agradeço aos meus ancestrais, pela sua resistência e luta, sem sua história, não poderia contar a minha.

Agradeço e celebro as pessoas mais importantes da minha vida que são os meus amados e maravilhosos mãe e pai, Ana Regina e Marco Antônio, pelo seu amor, respeito, esforço, carinho e confiança. Por jamais medirem esforços em me proporcionar uma vida digna e com possibilidades de escolha.

Aos meus amigos, que são parte da minha família também, agradeço do fundo do meu coração, por todas as experiências, momentos incríveis, pelas falas e trocas generosas ao longo destes bons anos da minha vida.

Em especial a Vitor Santarosa, meu companheiro de vida, e a Joana Paraíso por ser minha dupla desde o primeiro semestre. Ao Johnny, Felipe Terra, Amanda Vita, Ellen Dornelles, Francisco Costa, Bernardo Campos, por estarem comigo ao longo desta jornada, sem vocês o meu processo seria muito mais difícil e sem graça.

Aos meus amigos que estão longe, mas nunca se fizeram distantes: Azânia Mahin, a primeira geógrafa preta que conheci, pelo seu carinho e parceria; à Douglas Zanetti, pelos longos e maravilhosos anos de companheirismo; à Francisco Colombo, pelo seu apoio e pelas profundas e divertidas conversas noite adentro; À Ketrin Marinho pela sua lealdade e cuidado; à Nina pelo seu afeto e generosidade e à Thiago Pirajira pela sua beleza e inspiração.

À minha comunidade do Ilê Omi Olodo Tolá, pelo fortalecimento da minha ancestralidade, da minha fé e do meu Axé.

Aos meus novos parceiros e amigos: Bugio, não esqueço de vocês!

Aos professores pretos Valdemar de Assis, Flávia Medeiros, Lindeberg Junior e Jeruse Romão pelas suas presenças e grandiosidades.

À professora e orientadora Maria Helena Lenzi, pela sua representatividade e paciência comigo.

Sou grato à muitas pessoas que compõem minha vida e que são parceiras dos meus sonhos. O espaço aqui é pequeno, mas o sentimento e carinho são gigantes.

Finalizo com a estrofe da música *Para Curar a Dor do Mundo* de Marcelo D2:

*“O que eu vi sou Eu
O que eu senti, o que eu sofri, sou Eu
Sou Eu quando eu quero, até quando eu não quero ser
Por isso Eu só morro quando o meu samba morrer
Sou Eu andando fora da linha
Sou Eu andando nos trilhos
Sou Eu no sorriso dos meus antepassados
E também no sorriso dos meus filhos
Sou Eu na dor e no prazer
Por isso eu só morro quando o meu samba morrer
Eu sou a força da minha mãe e fraqueza dela também
Eu sou a alegria do meu pai e a tristeza dele também
Sou novo, tradição
Sou rap, samba no pé
Soldado filho de Ogum, certeza do meu Axé
De tudo o que passou por mim
Eu sou o que eu posso ser
Por isso eu só morro quando o meu samba morrer.”*

Ogunhê!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como têm se estabelecido os debates acerca da construção do pensamento das geografias feministas latino-americanas e suas interfaces com os estudos migratórios. Os procedimentos metodológicos foram sistematização de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, dos anais das quatro edições do Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidades e das revistas geográficas que compõem os estratos A1 e A2 Qualis Capes; e revisão bibliográfica, com base na sistematização realizada, objetivando identificar as populações pesquisadas, suas trajetórias migratórias e contribuições e avanços dessa abordagem. Os resultados são de contribuir para os debates contemporâneos acerca das migrações, assim como, apresentar um panorama das publicações existentes, considerando a perspectiva das geografias de gênero e feministas.

Palavras-chave: geografia feminista, migração, gênero, interseccionalidade

ABSTRACT

This work aims to understand how debates have been established regarding the construction of the thought of Latin American feminist geographies and their interfaces with migration studies. The methodological procedures were systematization of articles published in the Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, in the proceedings of the four editions of the Latin American Seminar on Geography, Gender and Sexualities and the geographic magazines that make up the A1 and A2 Qualis Capes strata; and bibliographic review, based on the systematization carried out, aiming to identify the populations researched, their migratory trajectories and contributions and advances of this approach. The results contribute to contemporary debates about migration, as well as presenting an overview of existing publications, considering the perspective of gender and feminist geographies.

Keywords: ; feminist geographies; migration; gender; intersectionality

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico 1 : Publicações por área de conhecimento da RLAGG	22
Figura 2 – Gráfico 2: País de origem das publicações encontradas	55
Figura 3 – Gráfico 3: Sujeitos pesquisados	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	23
Quadro 2 – I Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades	28
Quadro 3 – II Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades	31
Quadro 4 – III Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades	34
Quadro 5 – IV Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades	36
Quadro 6 – Revista de Estrato A1 Qualis Capes	44
Quadro 7 – Revista de Estrato A2 Qualis Capes	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	18
1.1.1	Objetivo Geral	18
1.1.2	Específicos	18
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2	REVISTA LATINO-AMERICANA DE GEOGRAFIA E GÊNERO	21
3	SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES	27
3.1	I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES	28
3.2	II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES	31
3.3	III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES	34
3.4	IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES	36
4	REVISTAS DE ESTRATO A1 E A2 QUALIS CAPES	43
4.1	REVISTA DE ESTRATO A1 QUALIS CAPES	44
4.2	REVISTA DE ESTRATO A2 QUALIS CAPES	49
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de dois anos de pesquisa, realizada ao longo da pandemia de covid-19, durante os anos 2020 a 2022, pelo programa de Iniciação Científica (PIBIC), orientado pela Prof^o Maria Helena Lenzi. Esta pesquisa fez parte de um projeto maior chamado: “Localizações epistemológicas na construção do campo das geografias feministas latino-americanas”.

O objetivo deste trabalho foi compreender como têm se estabelecido os debates acerca da construção do pensamento das geografias feministas latino-americanas e suas interfaces com os estudos migratórios. Os debates de gênero, sexualidades e racialidades são fundamentais para os estudos migratórios, visto que teorias, parâmetros e padrões migratórios clássicos vêm sendo problematizados, pois não dão conta de explicar os fluxos migratórios do presente (Assis, 2007; Castles, 2010; Andrade, 2019; Silva e Moraes, 2021).

As análises e concepções clássicas e neoclássicas, atribuídas aos estudos migratórios na Geografia, por vezes, direcionam o olhar sobre estes processos como um problema espacial a ser enfrentado. Tais teorias generalizam as migrações humanas ao simples movimento de chegada e partida, de atração e repulsão, e deixam de lado outras questões pertencentes a esse comportamento próprio da humanidade. A opção por uma definição específica do que se entende por migração pode significar um ponto de partida para a análise seletiva de certos processos, enquanto outros são postos de lado (Póvoa-Neto, 1997).

A fim de aprofundar e ampliar os debates acerca dos fenômenos migratórios negligenciados por algumas teorias, como as complexidades que abarcam os sujeitos e/ou os grupos migratórios e suas trajetórias, buscou-se em anais e eventos científicos de geografia do Brasil e da América Latina, a contribuição geografias feministas latino-americanas para os estudos migratórios.

As fontes desta pesquisa foram as publicações da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, os anais das quatro edições do Seminário Latino Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades e as revistas que compõem os estratos A1 e A2 do Qualis/Capes, sendo elas: Boletim Goiano de Geografia, Mercator, Sociedade e Natureza, GeoUsp, Geographya, RAEGA, Revista do Departamento de Geografia da USP, Revista Nera UNESP, Cofins, Ateliê Geográfico, ANPEGE e Caminhos da Geografia, totalizando doze revistas.

Foram analisadas somente publicações de geógrafas e geógrafos que estudam a temática migratória, a partir da perspectiva feminista e/ou de gênero, ou seja, autoras/es que consideram em suas análises os preconceitos e violências fundamentados nas diferenças de gênero e na superioridade masculina, problematizando a sociedade patriarcal, as relações de classe, de gênero, étnico-raciais e de poder. Essas pesquisas questionam as epistemologias dominantes e suas teorias e métodos, como as afirmações relativas à universalidade das categorias de análise como homem, mulher, raça, cultura, espaço, entre outras, evidenciando ausências e problematizando protagonismos na análise dos sujeitos e grupos migratórios. Diante disso, como as Geografias Feministas têm encarado o fenômeno migratório contemporâneo e seus sujeitos e trajetórias?

Este trabalho será apresentado em quatro capítulos, mais introdução e considerações finais. Em certa medida, a apresentação dos capítulos seguirá a estrutura de um relatório de pesquisa, com três capítulos mais descritivos, buscando apresentar detalhadamente as fontes e, na sequência, uma análise dos resultados e discussão. Nas considerações finais, serei eu, Mateus Alves Garcia, expondo a minha trajetória e construção diante deste trabalho, como também, apontando dificuldades, sugestões e pretensões futuras. A apresentação dos três capítulos com as fontes está de acordo com as etapas de desenvolvimento desta pesquisa.

A escolha por esse tema para meu trabalho de conclusão de curso em Geografia deve-se aos anos dedicados a esta pesquisa, que me deram a oportunidade de me aprofundar sobre este assunto pertinente à ciência e à Geografia, e me desenvolver como pesquisador preto, pertencente à comunidade LGBTQIAP+, feminista e antiracista, que busca investigar, pesquisar e contribuir com seu trabalho, evidenciando assuntos, sujeitos, espaços e trajetórias marginalizadas ou silenciadas.

Neste primeiro momento me introduzi em primeira pessoa do singular, como parte da apresentação de que me proponho aqui. Entretanto, ao longo do trabalho, no desenvolvimento e nas considerações finais, utilizarei a primeira pessoa do plural, pois esta pesquisa foi elaborada e feita coletivamente, e os dados que apresentarei aqui foram construídos por mim, pela minha orientadora Maria Helena Lenzi, e por voluntários que nas primeiras etapas de elaboração dessa pesquisa, contribuíram para que esta se realizasse.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as contribuições das geografias feministas para os estudos migratórios no Brasil e na América Latina

1.1.2 Específicos

- Identificar trabalhos elaborados por geógrafos e geógrafas que investiguem os processos migratórios.
- Compreender os debates acerca dos estudos migratórios a partir das Geografias de Gênero e Feministas, no que diz respeito aos sujeitos migrantes e trajetórias migratórias.
- Elucidar as principais correntes teóricas que orientam as publicações brasileiras e latino-americanas.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento deste trabalho ocorreu ao longo dos anos de 2020 a 2022, a partir da participação do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Em um primeiro momento desta pesquisa, houve uma introdução sobre a temática migratória na geografia, e a revisão bibliográfica sobre o tema. Em seguida, investigamos periódicos e eventos de geografia na América Latina e no Brasil, que se dedicassem a compreender o espaço geográfico a partir da perspectiva feminista ou de gênero, como forma de filtrar e objetivar a nossa busca por publicações que articulassem gênero, geografia e migração.

As três fontes utilizadas para a investigação desta pesquisa foram: a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, os quatro anais do Seminário de Geografia, Gênero e Sexualidades, e por fim, as revistas de estrato A1 e A2 Qualis/Capes da área de Geografia.

Seguindo a ordem cronológica do desenvolvimento desta pesquisa, apresentaremos a Revista Latino Americana de Geografia Gênero, pertencente à Universidade Federal de Ponta Grossa, os quatro Seminários Latino-Americanos de

Geografia, Gênero e Sexualidades, e por último, as doze revistas que compõem os estratos A1 e A2 Qualis Capes, sendo elas: Boletim Goiano de Geografia (UFG), Mercator (UFC), Sociedade e Natureza (UFU), GeoUsp (USP), Geographya (UFF), RAEGA (UFPR), Revista do Departamento de Geografia da USP (USP), Revista Nera UNESP (UNESP), Cofins (USP), Ateliê Geográfico (UFG), ANPEGE (UFGD) e Caminhos da Geografia (UFU).

Por meio das palavras-chave: migração, migrantes, imigrantes, emigrantes, imigração, refúgio, refugiados, refugiadas, deslocamentos populacionais, mobilidade populacional, fronteira, direitos humanos, mobilidade, exílio e seus correlatos em inglês e espanhol, buscamos encontrar e sistematizar os artigos publicados nas revistas e nos anais de geografia acima citados.

.Foram pesquisadas e analisadas apenas produções publicadas por geógrafos e geógrafas que investigam a temática migratória em seus estudos. Esta busca se fez através do currículo lattes de cada um dos autores e autoras.

Ao encontrar artigos relacionados à temática, procuramos identificá-los em: fonte; título do artigo; edição; autoras/rés; palavras-chave; população migrante; trajetórias migratórias, e organizar tematicamente os artigos considerando a abordagem teórica-conceitual, questões iniciais, objetivos e referencial bibliográfico, e identificamos três principais orientações: a) Identities, subjetividades e interseccionalidades; b) Relações de trabalho e c) Debates teórico-metodológicos nos estudos de migração e gênero. Essas três orientações, já anunciadas na introdução, serão aprofundadas em cada um dos artigos analisados.

Em cada capítulo está exposta uma análise quantitativa e mais descritiva das fontes pesquisadas. Como são muitos artigos analisados, de fontes diferentes, organizamos separadamente as apresentações das publicações.

Primeiramente, em cada capítulo, será exibido um quadro sintetizando os artigos encontrados em cada edição das revistas e dos seminários. A intenção do quadro é observar os artigos e seus conteúdos de forma simplificada, como também o aumento gradual das publicações sobre a temática ao longo das últimas edições de cada período e dos eventos. Nestes quadros serão exibidos o título dos artigos, as autorais, o país de origem das publicações, as populações em análise e suas trajetórias migratórias. Posteriormente aos quadros, encontra-se um resumo de cada trabalho, expondo o conteúdo abordado pelos autores e autoras, os objetivos, os

sujeitos pesquisados, suas trajetórias migratórias e suas orientações teórico-metodológicas que embasam as pesquisas.

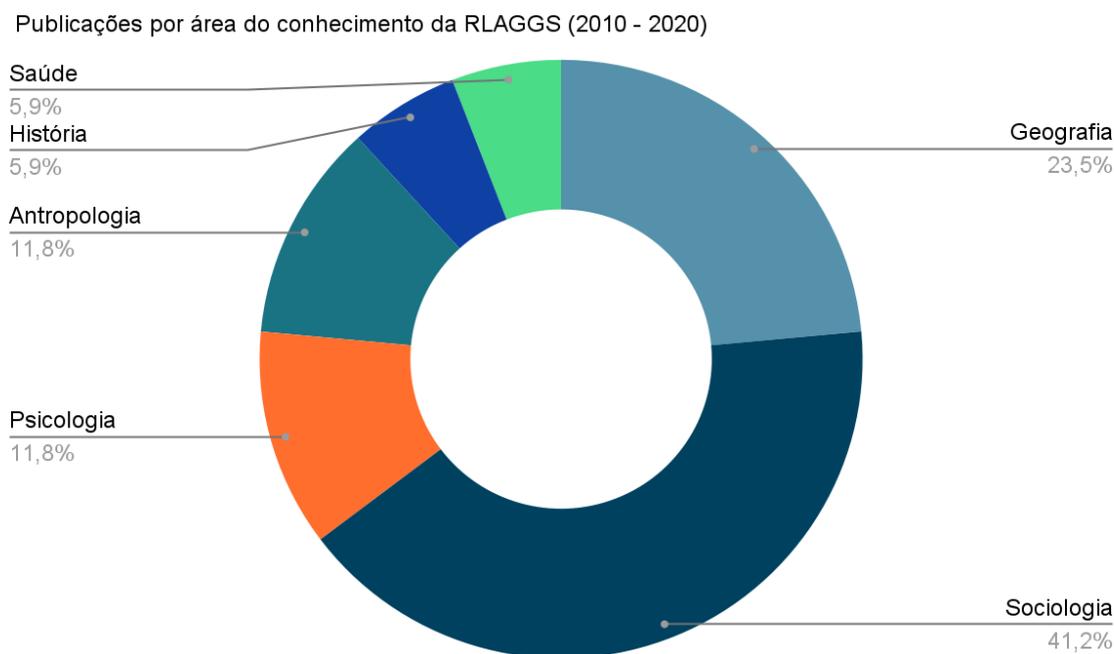
2 REVISTA LATINO-AMERICANA DE GEOGRAFIA E GÊNERO

A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero (RLAGG) é uma das fontes desta pesquisa, tendo em seu cerne a perspectiva de gênero e feminista de análise do espaço. A Revista é uma das fontes para compreendermos os estudos migratórios na América Latina, assim como também é a única revista geográfica centralizada nesta perspectiva, auxiliando-nos como ponto de partida e orientação para esta investigação.

Das 20 edições da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, publicadas entre 2010 e 2020, foram encontradas 17 publicações relacionadas à temática de migração. Destas, 15 são artigos científicos e 2 são resenhas, estas publicadas em espanhol e em inglês. Sobre as 20 edições publicadas pela Revista, a edição v.5.n.2 é a que tem maior publicação sobre o tema, com 3 artigos. As edições v.2.n.1; v.3.n.2; v.7.n.2 contém 2 publicações cada; e as edições v.1.n.1; v.2.n.2; v.4.n.1; v.10.n.1; v.10.n.2 possuem um artigo. Nas edições v.1.n.2 e v.3.n.1 foram encontradas uma resenha; e as edições v.4.n.2; v.5.n.1; v.6.n.1; v.6.n.2; v.7.n.1; v.8.n.1; v.8.n.2; v.9.n.1; v.9.n.2 não apresentam nenhuma publicação relacionada aos estudos migratórios.

Dos artigos encontrados, observamos que apenas quatro foram elaborados e publicados por geógrafas e geógrafos, e os demais artigos pertencem a outras áreas de conhecimento, tais como: sociologia (7), psicologia (2), antropologia (2) e história e saúde (1), áreas que dialogam com os temas de migração e geografia dentro da revista, assim como mostra o gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Publicações por área de conhecimento da RLAGG (2010 - 2020)



Fonte: Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero

Elaborado pelo autor: Mateus Alves Garcia

Verificou-se que a maioria das produções relacionadas aos estudos migratórios publicados na Revista não são pertencentes à ciência geográfica, representada apenas em 23,5% de todas as edições já publicadas. A sociologia é a área de conhecimento que possui mais publicações, ao todo foram 7, representando 41,2%.

Apenas quatro artigos relacionados às migrações na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero foram encontrados, evidenciando a escassez de produções geográficas sobre temas relativos aos fenômenos migratórios. Em cada publicação, os sujeitos ou grupos migratórios eram inéditos em relação às publicações já feitas sobre o tema pelo periódico.

Das publicações encontradas, as mulheres figuram como as únicas populações pesquisadas sobre os assuntos relacionadas à temática de migrações e dialogam sobre: a imigração ilegal de mulheres brasileiras e as atividades de comércio sexual na Espanha; a inserção de imigrantes haitianos no mercado de trabalho no Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010; a territorialização das mulheres mapuches na cidade de Trelew, na Argentina; e por último e mais recente, o debate sobre a identidade e gênero da população judaica no Rio Grande

do Sul e a representatividade da mulher judia no processo re(territorialização) do povo judeu na cidade de Itaara/RS.

Na sequência, será exposto um quadro sintetizando as informações contidas de todas as publicações encontradas na revista, e em seguida, serão apresentados resumos de cada um dos artigos, com o objetivo de identificar a autoria, suas origens, a população migrante pesquisada, suas trajetórias migratórias e suas orientações teórico-metodológicas. E ao final uma breve análise sobre os dados encontrados.

Quadro 1: Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, 2010-2020(contínua)

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajetória Migratória
Geografias Pós-Coloniais: Imigração Ilegal e as Brasileiras na Atividade Comercial Sexual na Espanha	Joseli Maria Silva	Brasil	Mulheres Prostitutas	Brasil - Espanha
Inserção no Mercado de Trabalho Brasileiro por Haitianos: uma perspectiva de gênero	Carolina Ribeiro; Durval Fernandes e Carolina Mota-Santos	Brasil	Homens e mulheres	Haiti - Brasil
La territorialización de las mujeres mapuche en la ciudad de Trelew: sus tejidos como forma de resistencia	Daniela Franco e Julieta Sourrouille	Argentina	Mulheres Indígenas	Migração interna

que se imprime al habitar la ciudad				
Reflexões sobre a identidade judaica e gênero no seu processo de (re)territorializaçã o no Rio Grande do Sul	Maria Medianeira dos Santos e Paulo Roberto Rodrigues Soares	Brasil	Judeus	Migração interna

Fonte: Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O artigo “Geografias Pós-Coloniais: Imigração Ilegal e as Brasileiras na Atividade Comercial Sexual na Espanha”, publicado em 2010, por Joseli Maria Silva, tem como objetivo central analisar as relações entre a imigração ilegal e a inserção de brasileiras no comércio sexual na Espanha. A autora expõe a precarização do trabalho das imigrantes latino-americanas em território espanhol, faz uma revisão histórica dos fluxos migratórios em direção às economias europeias e norte-americana ao longo do último século. A autora também apresenta dados quantitativos sobre a população migrante, fazendo uma relação da condição de escolaridade das populações migrantes da América Latina, entre homens e mulheres. Isso evidencia que, por um lado, os homens estão melhor qualificados, porém, por outro, correspondem aos maiores índices de desemprego, enquanto as mulheres, em sua maioria, encontram-se em serviços domésticos, logo são mais inseridas no mercado de trabalho do que os homens. A autora constrói elementos definidores para compreender a imigração feminina transcontinental em relação ao exercício da atividade comercial sexual, articulando as relações entre corpo, identidade e território brasileiros em território espanhol. A inserção das imigrantes e as representações construídas pelas sociedades autóctones são elementos que a autora explora ao longo da pesquisa para compreender as experiências das mulheres brasileiras migrantes. Conclui que o encontro entre as populações migrantes latinas e a sociedade espanhola tem estabelecido posições de hierarquia social, econômica e simbólica a partir de um padrão de superioridade europeia e de inferioridade latino-americana. Este artigo relaciona-se com a orientação b)

Relações de trabalho, pois o foco deste artigo é investigar a inserção de imigrantes mulheres brasileiras no mercado de trabalho espanhol, especificamente no comércio sexual ilegal na Espanha. A autora analisa as relações desiguais de gênero, a precariedade, e violência no contexto do trabalho e lutas por melhores condições de vida de homens e mulheres migrantes na Espanha. E quais os papéis impostos às populações latinas migrantes na Espanha, analisando as desigualdades de gênero no mercado de trabalho, em específico, no comércio sexual ilegal na Espanha.

O artigo “Inserção no Mercado de Trabalho Brasileiro por Haitianos: uma perspectiva de gênero”, de 2019, de autoria de Carolina Ribeiro, Duval Fernandes e Carolina Mota-Santos, tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, como se deu o processo de inserção de imigrantes haitianos no mercado de trabalho brasileiro após o terremoto de 2010 que assolou seu país de origem. O artigo retrata as origens e as causas dos movimentos migratórios para, em seguida, discutir o processo de migração, trabalho e gênero. Os resultados indicaram que as mulheres, quando chegam ao Brasil, têm como principal atividade os serviços gerais. Já a maioria dos homens se submetem a serviços braçais em péssimas condições de trabalho. Ressaltam que a situação das mulheres é mais delicada, uma vez que enfrentam grandes dificuldades de encontrar trabalho que seja flexível para levar e buscar os filhos na creche. Este artigo está relacionado a orientação b) Relações de trabalho, a partir da categoria de gênero, foi identificado os limites e desafios enfrentados por mulheres migrantes haitianas no mercado de trabalho no Brasil, que por conta da questão de gênero os empregos que lhe são oferecidos se resumem à serviços gerais ou braçais e a péssimas condições de trabalho.

O artigo “La territorialización de las mujeres mapuches en la ciudad de Trelew: sus tejidos como forma de resistencia que se imprime al habitar la ciudad”, de 2010, de autoria de Daniela Franco e Julieta Sourrouille, retrata a migração ocorrida por indígenas no início dos anos setenta para a cidade de Trelew na Argentina, motivados pela construção do Parque Industrial da cidade. Estas pessoas sofreram com os processos de urbanização da cidade ficando às margens do “progresso”, como é tratado no artigo. Apesar disso, as mulheres Mapuches, através de seu conhecimento e cultura, destaque para a tecelagem, criaram diferentes estratégias de sobrevivência e resistência neste espaço. Este artigo relaciona-se à orientação: a) Identidades, subjetividades e interseccionalidades e b) Relações de trabalho . A autora analisa a migração do rural para o urbano de mulheres Mapuches

e como suas identidades culturais, e seu ofício, como o trabalho artesanal, se dão como forma de resistência e identidade no processo de urbanização da cidade de Trelew, analisando a partir de uma perspectiva histórico-cultural as estratégias de sobrevivência deste povo em áreas urbanas.

“Reflexões sobre a identidade judaica e gênero no seu processo de (re)territorialização no Rio Grande do Sul”, de 2012, de autoria de Maria Medianeira dos Santos e Paulo Roberto Rodrigues Soares, debate a identidade e o gênero dentro da comunidade judaica residente da cidade de Itaara no Rio Grande do Sul. O artigo retrata o papel da mulher judia como guardiã da memória da comunidade judaica, como também a inserção de novos símbolos, valores e costumes a partir de onde se encontram, em um processo de (re)territorialização, da sua comunidade, como debatem os autores. Este artigo relaciona-se a orientação a) identidades, subjetividades, e interseccionalidades pois o texto mostra a importância da figura e da identidade feminina para a cultura judaica no processo de migração e (re) territorialização de seu povo na cidade de Itaara no sul do Brasil.

3 SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

Das quatro edições do Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidades (SLAGGS), foram encontrados ao todo 26 artigos relacionados à temática migratória. Destes, 19 foram elaborados por geógrafas e geógrafos, em sua maioria produções do Brasil, mas também da Argentina, do Chile, da Colômbia, do México e da Espanha. Os demais 7 artigos são de outras áreas do conhecimento, como Antropologia, Ciências Sociais, Psicologia e Arquitetura. As trajetórias migratórias destes artigos referem-se a migrações internacionais e internas, deslocamentos populacionais entre o rural e o urbano, tráfico de pessoas, retorno de imigrantes e relação entre as teorias migratórias e gênero. A partir disso, segue uma análise quantitativa do que foi encontrado em cada seminário:

No I Seminário Latino-americano de Geografia e Gênero, ocorrido em 2011 no Rio de Janeiro, foram encontrados sete artigos sobre o tema, dos 64 presentes nos anais, sendo quatro sobre migração internacional, dois sobre migração interna e um que trata tanto de migração internacional quanto interna. Sobre as áreas de estudo das pesquisas, cinco são da Geografia. Os demais são da Psicologia e das Ciências Sociais. Na primeira edição do seminário, as sexualidades não faziam parte do nome do evento, é somente a partir da segunda edição, que o nome do evento se torna Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades.

Na segunda edição do SLAGGS, que aconteceu em Porto Velho/Rondônia em 2014, foram encontrados quatro trabalhos sobre o tema, do total de 82, sendo dois sobre migração internacional, outro sobre migração interna e o último que trata tanto de migração internacional quanto interna. Destes, três são da Geografia e um é das Ciências Sociais.

No III SLAGGS, sediado na Cidade do México, em 2017, foram encontrados sete trabalhos sobre o tema, dos 47 artigos apresentados. Destes, três versam sobre migração internacional, um sobre migração interna, outro analisa as perspectivas de quem espera a volta do emigrante e dois sobre os diferentes tipos de deslocamentos e seus impactos na cidade. Sobre as áreas de estudo, três trabalhos são da Geografia e os demais, da Psicologia, da Arquitetura e da Antropologia.

No IV SLAGGS, realizado em 2019, em Tandil, na Argentina, dos 82 artigos publicados, nove abordaram o tema, sendo um sobre migração internacional, cinco sobre migrações internas (três destes são sobre o deslocamento do meio rural para o urbano), um sobre o tráfico ilegal de pessoas e dois sobre teorias de migração e gênero. Destes, oito são da Geografia e um da Antropologia.

Em seguida, serão apresentados resumos de cada um dos artigos presentes nos anais dos quatro seminários, com o objetivo de identificar a autoria, suas origens, a população migrante pesquisada e suas trajetórias migratórias, além de uma breve análise da orientação teórico-conceitual dos artigos. Os quadros II, III, IIII e V, também apresentados a seguir, sistematizam informações dos artigos apresentados em cada um dos seminários.

3.1 I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO

Quadro 2: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA e GÊNERO

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajectoria Migratória
Judeus: Identidade e Gênero	Maria Medianeira dos Santos e Paulo Roberto Rodrigues Soares	Brasil	Judeus	Europa - BRA
Representações sociais do gênero no contexto da recente migração de brasileiros para Portugal: uma análise a partir do Youtube	Luciane do Rocio Moura Martins e Juliana Pryzbysz	Brasil	Brasileiros	Brasil - Portugal
Relaciones de género, políticas locales y viabilidad económica en la Catalunã Rural	Antoni F. Tulla, Antonia Casellas, Marta Pallares - Blanch e Ana Vera	Espanha	Mulheres espanholas	Migração Interna
Reestruturação	Carmen Lucia	Brasil	Mulheres	Migração interna

produtiva, precarização e feminização do trabalho docente em Catalão-Goiás: alguma considerações	Costa			
Mujeres y barrio: ejercicio de autorreflexión desde una trayectoria investigadora y activista en Geografía (2002-2011)	Fabià Díaz-Cortés Fabi	Espanha	Mulheres	Migração interna

Fonte: I Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O texto de Santos e Soares (2011) aborda a imigração judaica para o Rio Grande do Sul, protagonizada por pessoas que fugiam da Europa por sofrerem perseguições e em busca de melhores condições de vida. A autora e o autor fazem uma análise histórica do processo, através da Geografia de Gênero, focando nas relações de gênero desse período, e da Geografia Feminista, que visa denunciar as desigualdades de gênero, sempre se atendo às influências do espaço geográfico. Sua metodologia é baseada em entrevistas com imigrantes e descendentes de imigrantes de origem judaica. Como resultado, segundo Santos e Soares (2011), tem-se a aculturação dessa comunidade, com suas identidades modificadas. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, visto que Santos e Soares (2011) utilizam-se das categorias de gênero e identidade para compreender como foi o processo de imigração de homens e mulheres judeus para o Rio Grande do Sul, articulando gênero e a Geografia Feminista para um maior entendimento da ação humana no movimento migratório de judeus e na compreensão das novas marcas de gênero e identidade que se modificaram no decorrer do processo.

O texto de Martins e Przybysz (2011) traz análises sobre as representações sociais acerca de imigrantes brasileiros/as, construídas por portugueses no Youtube. As autoras levam em consideração o passado de relações coloniais entre os dois

países e o fato de, atualmente, brasileiros/as serem o maior grupo de imigrantes em Portugal. O texto também explicita que as mulheres sempre são submetidas a um olhar de julgamento por serem brasileiras, ligadas muitas vezes à prostituição. Os resultados evidenciam a significação elaborada pelos portugueses que associam a imigração brasileira à ilegalidade, à exploração e, ao mesmo tempo, à alegria, à tropicalidade e à sensualidade. Este artigo também está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, já que as autoras investigam as representações sociais atribuídas às migrantes brasileiras por meio da construção estereotipada de uma identidade que relaciona nacionalidade e corporeidade.

Tulla, Casellas, Pallares-Blanch e Vera (2011) abordam o papel e a contribuição das mulheres na Catalunha rural por meio de uma análise histórica. Por ser uma área rural, a taxa de participação das mulheres na política é baixa, considerando a forte relação patriarcal ainda presente. A partir disso, as autoras e o autor mostram o importante papel da migração, uma vez que é isso que marca a mudança na tendência demográfica. Quem mais emigrou foram mulheres, mas ali há muitos outros imigrantes também, que muitas vezes não têm direitos políticos. Também dissertam sobre a emigração durante e após a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, fazem uma breve análise sobre como a imigração tem papel fundamental na construção da Catalunha Rural. De modo geral, o texto busca entender o histórico de participação das mulheres juntamente com os programas de igualdade de oportunidades e políticas de gênero na Espanha. Também é investigada a abordagem de gênero no desenvolvimento econômico local e analisada a desenvoltura das mulheres frente às tomadas de decisão em políticas locais. Este artigo está relacionado à orientação b) Relações de trabalho, pois utiliza as categorias de gênero e trabalho para compreender, a partir de uma concepção histórico-estrutural, a participação econômica e política de mulheres na Catalunha Rural.

O texto de Costa (2011) traz uma reflexão sobre o papel da mulher na cidade de Catalão, principalmente no trabalho docente. Essa cidade passou por um grande processo de industrialização na década de 1970 e transformou-se de uma cidade rural em industrial. O papel da mulher acompanha essas transformações, passando de atividades como as de cuidar da casa, da educação dos filhos e criação de animais, para um trabalho ativo na indústria. Nesse processo, a cidade sofreu êxodo rural e recebeu migrantes de todo o Brasil. Assim, esse processo de

migração, intensificado pela reestruturação produtiva, modificou o papel que a mulher assume socialmente. Este artigo está relacionado à orientação b) Relações de trabalho, pois a autora busca compreender transformações ocorridas no mercado de trabalho feminino, em específico na docência, baseando-se em teorias urbanas e de reestruturação produtiva, por meio de análises espaciais articuladas à categoria de gênero.

Díaz-Cortés (2011) faz uma revisão e auto-reflexão, como a mesma intitula, dos seus últimos nove anos de investigação sobre a classe trabalhadora e as tradições populares em bairros e praças da região metropolitana de Barcelona. Neste trabalho, a autora investiga através de entrevistas, a relação de várias mulheres e de suas vivências nos bairros em que habitam. Bairros que historicamente concentram sujeitos migrantes de diferentes regiões da Espanha. Este artigo relaciona-se à orientação teórica a) Identidades, subjetividades e interseccionalidades, pois a autora analisa, por meio da interseccionalidade, articulando gênero, raça e nacionalidade, as experiências em espaços públicos e privados destas mulheres, e suas participações com a sociedade e seus bairros. Identifica que há diferentes relações no cotidiano e no pertencimento aos bairros, tanto por parte de mulheres autóctones como de mulheres migrantes. A autora também revisa outras perspectivas, influenciadas pelas Geografia de Gênero e Feminista, seus trabalhos ao longo dos anos, buscando se aproximar do seu entorno e refletir de forma crítica e propositiva seus estudos na Geografia.

3.2 II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

Quadro 3: II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajatória Migratória
Travestis e tensões acerca das fronteiras de gênero e sexo - prostituição na Lapa e adjacências: territorialidades multifacetadas	Felipe Marcel Bari da Silva	Brasil	Travestis - População LGBTQIAP+	Brasil - Europa e migração interna

As tensões e representações sociais criadas sobre brasileiros a partir das discussões no Youtube	Luciane do Rocio Martins	Brasil	Brasileiros	Brasil - Portugal
Vivências geográficas plurais de gênero, sexualidade e raça em imigrantes afro-americanas na cidade de Santiago no Chile	Martin Ignacio Torres-Rodriguez	Chile	Afrolatinoamericanas - Colômbia e Equador	Chile

Fonte: II Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O texto de Silva (2014) traz o conceito de territorialidade para analisar a situação de diferentes identidades de gêneros no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, com enfoque na travestilidade. Trabalha com migração internacional e interna, dissertando sobre os fluxos migratórios entre Brasil e Europa para fins de prostituição, explicando que, no final do século XIX, com o grande número de casas de prostituição e de intolerância, é fundando o senso comum que há hoje sobre esse espaço. O texto aborda as brasileiras travestis que migram à Europa para se prostituírem, retornando ao Brasil depois de três ou quatro meses ou permanecendo no país escolhido. Além disso, explica que também ocorre migração interna dessa população, uma vez que a Lapa se tornou um espaço de atração para pessoas de outras cidades do país. Assim, o autor conclui que diferentemente do que é divulgado pelos meios de comunicação de visão preconceituosa, simplista e generalizada sobre as travestis, elas são tão complexas e diversas quanto qualquer outro grupo social, e lutam por respeito e direitos sociais. As atividades exercidas por elas refletem suas territorialidades, contribuindo para relação sujeito e espaço, como indica o autor. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade. O autor utiliza das categorias de gênero,

sexualidade e identidade para compreender as territorialidades e multiterritorialidades presentes no bairro da Lapa pelas travestis migrantes.

Martins (2014) procura compreender as tensões e as representações sociais criadas sobre brasileiros nas discussões presentes no YouTube no contexto de migração do Brasil para Portugal. São utilizados dois vídeos e analisado o teor dos comentários. Por meio da análise dessas publicações, explicita-se a depreciação de portugueses com relação a brasileiros, que remetem ao passado colonial. Nesses comentários, pode-se perceber as múltiplas situações e contestações criadas em torno dos movimentos migratórios. Com isso, a autora conclui a importância de incluir o gênero e a mulher nos estudos migratórios, como categorias de análise, para compreender tensões sobre as mulheres enquanto sujeito representacional e indissociável deste conjunto de elementos ligados à imigração de brasileiros/as para Portugal. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, posto que a autora explicita, no mesmo sentido que o artigo de Martins e Przybysz (2011), do I Seminário, a construção de identidades estereotipadas de migrantes brasileiras baseadas na nacionalidade e corporeidade, ressaltando também a passada relação colonial entre Brasil e Portugal.

Torres-Rodriguez (2014) trata das vivências de três mulheres afro-americanas imigrantes em Santiago. O autor busca explicar o vínculo entre gênero e raça, conjugados à migração. Essas três mulheres sentem, de modos distintos, as opressões relacionadas a gênero, raça e nacionalidade, uma vez que há características que as unem e outras que as diferenciam. Assim, as percepções sobre a cidade se modificam de acordo com as variáveis de suas vivências. O autor também aborda o papel das geografias latino-americanas que, além de romper com a norma acadêmica vigente (eurocentrada), põem em evidência populações marginalizadas e silenciadas durante séculos, à custa do silêncio racista, sexista, heteronormativo da sociedade ocidental em que vivemos, buscando nas geografias latino-americanas outras formas de investigação sobre processos e sujeitos migrantes. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, já que Torres-Rodriguez (2014) utiliza-se das interseccionalidades para compreender as vivências, experiências e discriminações sofridas por três mulheres afro-americanas migrantes.

3.3 III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

Quadro 4: III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES (continua)

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajatória migratória
Uma análise interseccional de imigrantes brasileiros LGBT em Brighton	Joseli Maria Silva; Marcio José Ornat	Brasil	População LGBTQIAP+	Brasil - Inglaterra
Violências hacia las mujeres en contextos de trabajo doméstico en San Cristóbal de Las Casa, Chiapas.	Dalla Guadalupe Velasco Cabrera	México	Mulheres; mulheres indígenas	Migração interna
Cartografías alternativas decoloniales: género, sexualidades y espacios en un universidad en área transfronteriza	Leo Name (BRA); Oswaldo Francisco Freitez Carrillo (VEN);	Brasil/ Venezuela	População LGBTQIAP+	Países da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela)

Fonte: III Seminário Latino-Americano de Geografia Gênero e Sexualidades

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O artigo de Silva e Ornat (2017) tem por objetivo investigar as interseccionalidades entre corpo e espaço nos processos migratórios, ao analisar as experiências de imigrantes brasileiros LGBT em Brighton, Reino Unido. Para realização da pesquisa, foram entrevistados/as treze imigrantes brasileiros/as LGBT que vivem em Brighton, nas faixas de 20 a 50 anos, com escolaridade média e superior. As razões dessas migrações podem ser diversas, mas acredita-se que a

maneira como tratam as pessoas homossexuais na cidade britânica tenha influência, já que é considerada a capital gay do Reino Unido. O artigo mostra que as experiências espaciais destes/as migrantes vão além das questões de sexualidade e gênero, incluem também estruturas de poder relacionadas à raça, classe e nacionalidade. A partir disso, a autora e o autor identificam o conceito de interseccionalidade que opera justamente no cruzamento dos eixos identitários e de opressão, argumentando que um corpo pode vivenciar o mesmo espaço de diferentes maneiras simultaneamente. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, já que a análise está centrada no conceito da interseccionalidade e na relação entre corpo e espaço no processo migratório.

Velasco Cabrera (2017) tem como objetivo apresentar a situação de violência vivida pelas empregadas domésticas em San Cristóbal de Las Casas, no México, abordando sua própria trajetória e de mais quatro mulheres. Essas mulheres, como a maioria das outras trabalhadoras domésticas no México, têm em comum o fato de serem migrantes vindas de comunidades indígenas (normalmente da Zona Altos das Chiapas), que buscam sustentar suas famílias e melhores condições econômicas, e são exploradas por seus patrões. As jovens indígenas relatam que o emprego mais acessível na cidade é o de empregada doméstica, pois não demanda grau de escolaridade, o que acaba as deixando mais vulneráveis a este emprego. Além disso, como explica Velasco Cabrera (2017), o trabalho doméstico carrega heranças coloniais, já que mulheres indígenas eram escravizadas e forçadas a exercer esse papel, e estigmas sexistas, o que aumenta as chances de seus direitos como trabalhadoras serem violados, assim como seus corpos. Este artigo está relacionado à orientação b) Relações de trabalho, pois parte de concepções histórico-estruturais para compreender as experiências vividas por mulheres indígenas em suas trajetórias na inserção do mercado de trabalho, bem como a herança colonial que potencializa a precarização e as violências no trabalho e de gênero.

Name e Freitez Carrillo (2017) criticam os mapas cartesianos hegemônicos e propõem uma cartografia “alternativa” e decolonial, que possibilita investigar a questão de gênero e sexualidades. Com isso, os autores criam um mapa baseado nas experiências de dezessete estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), migrantes de diferentes países e autodeclarados

homossexuais. Nesta nova cartografia, são apresentados os espaços relacionados à homofobia e à homoafetividade vividas pelos/as estudantes desde a saída de suas terras natais até a área transfronteiriça (Brasil, Paraguai e Argentina). Dos/as entrevistados/as, seis eram mulheres e onze homens, entre 22 e 29 anos, de diferentes nacionalidades (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela). Cada estudante relata sua experiência, como era a aceitação da não heteronormatividade e homofobia em suas cidades de nascença, e como se apresenta a liberdade sexual na UNILA e nos três países em que se localiza. Assim, os mapas são construídos a partir de experiências pessoais, evidenciando os corpos em mobilidade e diferentes linguagens. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, já que os autores buscam, pelas epistemologias descoloniais, articular a interseccionalidade de gênero, sexualidades e nacionalidades experienciada por estudantes em um contexto transfronteiriço.

3.4 IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

Quadro 5: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES

(continua)

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajatória Migratória
Argentina, o destino da liberdade? Narrativas LGBT e intersecções entre gênero, sexualidades, fronteira e imigração	Hellen Virginia da Silva Alves; Maria das Graças Silva Nascimento Silva e Hellison Arnaldo da Silva Alves	Brasil	População LGBTQIAP+	Brasil - Argentina
Precisamos falar sobre tráfico humano e suas configurações sócio-espaciais na Pan Amazônia (Colômbia, Peru, Venezuela,	Elisangela Ferreira Menezes, Rodrigo Amurim dos Reis Reis e Carlos André da Silva Muller	Brasil	Pessoas migrantes, mulheres em situação de vulnerabilidade e refúgio	Pan Amazônia (Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Suriname e Brasil).

Equador, Suriname e Brasil)				
Género y migraciones. Una mirada desde la perspectiva geográfica	Myriam Susana González	Argentina	Não há uma população específica (sujeitos migrantes)	Não há uma trajetória migratória específica
Intercepciones en los estudios migratorios: Geografía de género, literatura y psicoanálisis	Brisa Varela	Argentina	Não há uma população específica (sujeitos migrantes)	Argentina - Polônia
Geografía e Género: a modernidade técnico-científica na agricultura canavieira paulista eliminou quase toda a força de trabalho de homens e mulheres no talhão: macroárea de Ribeirão Preto - SP	Rosa Ester Rossini	Brasil	Homens e mulheres	Migração interna
Emprender e innovar en el mundo rural. Experiencias de mujeres y hombres jóvenes en España	Isabel Salamaña Serra, Mireia Baylina Ferré; Montserrat; Villarin o Pérez, Maria Dolors Garcia Ramon, Maria Josefa Mosteiro Garcia, Ana Maria Porto Castro e Maria Rodó de Zárate	Espanha	Jovens (homens e mulheres)	Migração interna
Práctica de movilidad en territorio rurales.	Paula Soto e Julia Fawaz	Chile	Mulheres	Migração interna

Lugares, significados e imágenes en las experiencias de movilidad cotidiana de mujeres de la región de Nuble en Chile				
Relación Cuerpo-territorio desde las identidades transexuales	Hector Fabio Duarte Piedrahit	Colômbia	População LGBTQIA+ - Transsexuais	Migração interna

Fonte: IV Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O artigo de Alves, Silva e Alves (2019) propõe investigar as intersecções entre gênero, sexualidade, fronteiras e imigração nas narrativas de imigrantes LGBT brasileiros que vivem em Buenos Aires, Argentina. Para a realização da pesquisa, foram entrevistados três imigrantes de diferentes cidades do Brasil, na faixa de 30 anos de idade, que vivem na cidade argentina, e que contam as diferenças entre assumir homossexualidade em suas terras natais e em Buenos Aires (conhecida como uma cidade *gay friendly*). As autoras e o autor apontam que sujeitos não adequados aos sistemas normativos de seus países de origem possuem suas identidades violentadas e, por isso, quando migram para outros países que os aceitam como são, vivenciam experiências novas em relação ao gênero e sexualidade, além da fronteira. Concluem que tais movimentos migratórios, determinados por sujeitos e atores sociais, são estratégias de enfrentamento à violência e invisibilidades às suas existências, como micropolíticas cotidianas. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, visto que questionam ausências de gênero e sexualidades nas teorias hegemônicas da Geografia e constroem seus argumentos com o intuito de explicitar os diferentes eixos identitários dos sujeitos migrantes, buscando ampliar as formas de investigação e produção da Ciência Geográfica.

Menezes, Reis e Muller (2019) discutem o problema de tráfico humano que ocorre na região Pan Amazônica (Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guianas, Suriname e Brasil). O artigo mostra como o tráfico de pessoas na região é

marcado por traços coloniais, visto que desde a época colonial essa região é alvo de exploração. Além disso, explicam que também se trata de um crime de gênero, pois o corpo da mulher é historicamente explorado e inferiorizado desde o período pré-colonial, se intensificando e se expandindo até o período atual. Por todo esse contexto de exploração, o corpo da mulher é tratado como mercadoria. Na Pan Amazônia, as vítimas se encontram num cenário de pobreza e busca por condições melhores de vida, porém a criminalização da migração nessas fronteiras deixa, principalmente as mulheres, em posição mais vulnerável para serem induzidas e se tornarem alvo do crime de tráfico humano. Este artigo relaciona-se à orientação a) Identidades, subjetividades e interseccionalidades, pois as autoras consideram em suas análises a interseccionalidade de classe, raça, etnia e nacionalidade, criticam as ausências e dificuldades de abordar essas temáticas dentro da academia e buscam evidenciar as redes criminosas do tráfico humano na Pan Amazônia.

No artigo escrito pela pesquisadora argentina González (2019) não há explicitação de uma trajetória ou sujeito migrante específico. O objetivo da pesquisa é explicar a importância da relação entre gênero e migração a partir de uma análise temporal sobre os estudos geográficos. A autora discorre sobre o debate migratório dentro da Ciência Geográfica ao longo dos anos, trazendo as diferentes perspectivas sobre o tema migratório e sua construção com os conceitos geográficos, questionando o pouco avanço sobre a temática na Geografia. Chama a atenção para os métodos de análise deste tema e utiliza o conceito de território para compreender os processos migratórios no espaço, argumentando que cabe à Geografia fazer uma reflexão teórica sobre o papel deste conceito no processo migratório e avançar na compreensão das novas territorialidades, cada vez mais complexas. Ao abordar Geografia, gênero e migração, a autora questiona a relação entre gênero e Geografia, as experiências femininas e masculinas no espaço, e como elas se configuram e se diferenciam, fazendo uma análise temporal sobre a construção das Geografias de Gênero e/ou Feministas. González (2019) também aponta a interseccionalidade como forma de análise do espaço e o entende como construção social, logo, não há como ser neutro, desde o ponto de vista do gênero e das relações espaciais que estão atravessadas por relações de poder. Sobre as questões migratórias, a autora dá enfoque para as trajetórias migratórias e práticas no espaço, suas reproduções e a construção das territorialidades a partir delas.

Enfatiza que os estudos migratórios devem incorporar a territorialidade como categoria chave, e que a migração modifica a identidade e apropriação territorial. Este artigo relaciona-se com as duas orientações que propomos aqui neste trabalho: a) Identidades, subjetividades e interseccionalidades e c) Debates teórico-metodológicos nos estudos de migração e gênero, visto que a autora faz uma análise histórica sobre as teorias e métodos da geografia e se posiciona em relação aos atuais debates de gênero e interseccionalidade nos estudos sobre migração.

Varela (2019), analisa os estudos migratórios a partir do livro e do filme de mesmo título: *Una historia de amor y oscuridad*, de 2015, de Amos Oz. A obra retrata a vida do escritor e sua família que são forçados a migrar da Polônia para Israel. A autora faz uma leitura clínica e analítica do material cinematográfico dialogando com a obra literária e com textos clássicos de Freud e Lacan para interpretar as subjetividades postas em jogo nas geografias das migrações, como também utiliza do livro para abordar os conceitos de memória e lugar. Varela (2019: 457) considera o simbólico e as subjetividades do sujeito na compreensão do espaço geográfico a partir da perspectiva de Milton Santos. O peso do simbólico na compreensão do espaço geográfico é uma construção na qual, além dos elementos do próprio sujeito, penetram as construções feitas por outros homens e mulheres, que implicam uma certa visão e uma ideia de mundo, como conclui a autora. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade. A autora articula Geografia e Psicanálise na compreensão do simbólico e da subjetividade dos sujeitos migrantes e a sua relação com o espaço, a partir de recursos cinematográficos e literários.

O texto de Rossini (2019) apresenta uma perspectiva do campo brasileiro com base na análise da agricultura canavieira na macroárea de Ribeirão Preto. A pesquisa aponta que o processo de modernização do campo força pessoas e famílias a migrarem para as áreas produtoras da região de Ribeirão Preto à procura de trabalho. A autora analisa o impacto da modernização do setor sucroenergético da cana de açúcar na macroárea de Ribeirão Preto e suas consequências na migração e na geração de trabalho para homens e mulheres, que, com as mudanças na lavoura, exigem do trabalhador conhecimentos em tecnologia e informática para lidar com as novas máquinas do campo e manter seus empregos. Rossini (2019)

explica que os homens são mais inseridos nessa nova etapa do mercado, e as mulheres nem tanto e que ambos sofrem com as alterações no mercado de trabalho, como o desemprego, fazendo com que estes trabalhadores busquem alternativas de sobrevivência em quaisquer outras atividades, independente do seu nível escolar. A família também é observada, pois é um dos elementos de reprodução dos papéis de gênero. Rossini também analisa as implicações socioeconômicas e ambientais e da modernidade técnica nos cultivos agrícolas. Este artigo está relacionado à orientação b) Relações de trabalho, a autora alicerça sua análise nas concepções teórico-metodológicas miltonianas do meio técnico-científico informacional, relacionando gênero e trabalho na produção das desigualdades do espaço geográfico.

Serra et al. (2019) trabalham com o conceito de re-ruralização, explicando o processo que ocorreu na Espanha com a crise financeira global de 2008, que potencializou as desigualdades (principalmente nas áreas urbanas) e impulsionou a migração de jovens para o campo. A partir disso, são analisadas as trajetórias de doze jovens (seis mulheres e seis homens) que migraram voluntariamente para áreas rurais para começar um projeto empresarial na Catalunha e na Galícia. O artigo mostra como essa volta ao mundo rural e o investimento em empresas nessas regiões mudaram a dinâmica econômica, ambiental e de gênero, tendo em vista que os novos empreendedores são mulheres e homens jovens, com formação superior e preocupados com os impactos ambientais. Este artigo está relacionado com a orientação b) Relações de trabalho, pois parte de uma análise relacional entre homens e mulheres, considerando concepções histórico-estruturais para compreender o movimento de re-ruralização ocorrido na Espanha.

O texto de Soto e Fawaz (2019) analisa a interação entre o campo e espaços urbanos próximos, não metropolitanos, da região de Ñuble no Chile, a partir da mobilidade cotidiana de mulheres rurais. Identificam fatores dessa mobilidade buscando, a partir de uma perspectiva de gênero, as motivações e os desafios enfrentados por mulheres do campo, que buscam melhor qualidade de vida, emprego, estudo e superação da pobreza. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, pois os autores têm a intenção de compreender os desafios enfrentados pelas mulheres na mobilidade cotidiana, articulando sujeitos e suas subjetividades com o conceito de território.

O artigo de Duarte Piedrahita (2019) tem como objetivo principal mostrar as identidades transsexuais da cidade de Popayán, localizada no estado de Cauca na Colômbia, onde 10% de sua população faz parte da comunidade LGBTQ+, e seus processos migratórios. O autor articula os estudos de gênero e sexualidades na Geografia, pensando sobre o corpo de pessoas transsexuais no território da cidade de Popayan. Os principais conceitos são corpo e território. O artigo analisa que a identidade de gênero das pessoas transsexuais é construída por meio de processos de transformação corporal e espacial e que elas migram para cidades onde o processo de transformação de seus corpos pode ser mais fácil, como Medellín. Essas migrações têm efeitos não somente em seus corpos, mas nas suas relações sociais e culturais. Neste processo, as pessoas transsexuais não buscam somente a transformação de seus corpos, mas a liberdade de serem quem quiserem ser e melhores condições de vida. Este artigo está relacionado à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, pois o autor busca articular categorias de gênero, sexualidade, corpo e território para compreender as relações e transformações do espaço produzidas por essas identidades.

4 REVISTAS DE ESTRATO A1 E A2 QUALIS CAPES

Nesta seção serão apresentadas as análises feitas nas revistas de geografia que compõem os estratos mais altos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram analisadas ao todo doze revistas geográficas que se distribuem entre os estratos A1 e A2 Qualis Capes.

As revistas que fazem parte do estrato A1 Qualis Capes são: Boletim Goiano de Geografia, Mercator, Sociedade e Natureza e GeoUsp. As revistas Geographya, RAEGA, Revista do Departamento de Geografia da USP, Revista Nera UNESP, Cofins, Ateliê Geográfico, ANPEGE e Caminhos da Geografia compõem o estrato A2 Qualis/Capes.

Nas revistas que compõem o estrato A1 Qualis/Capes, foram encontrados 21 artigos relacionados à temática migratória. Entretanto, somente na revista GeoUSP foram encontrados artigo que relacionam migração com a categoria de gênero, totalizando 4 artigos que abordam assuntos sobre migração, gênero e trabalho, migração e o HIV, migrações e o movimento LGBT, a prostituição e cafestinação, e migração, corporiedade e sexualidade. Estes são os temas dos artigos que serão apresentados em seguida.

Em Boletim Goiano de Geografia, Mercator e Sociedade e Natureza, revistas que também compõem o estrato A1 Qualis/Capes, foram encontrados artigos sobre migração, porém não relacionam a categoria gênero na sua estrutura, e que por isso, não serão apresentados aqui, pois não se encaixam nos critérios metodológicos estipulados para esta pesquisa. Os artigos e temas encontrados nestas revistas referem-se à migrações internacionais, migrações internas, migrações de retorno, migração e mobilidade pendular , e migração e pobreza.

Nas oito revistas do estrato A2 Qualis/Capes foram encontrados 32 artigos relacionados com a temática migratória, mas em apenas duas revistas conseguimos identificar artigos que relacionassem migração e gênero. Em Geographya, RAEGA, Revista do Departamento de Geografia da USP, Revista Nera UNESP, Cofins e Caminhos de Geografia, foram encontrados ao todo 30 artigos sobre migração, mas em nenhuma destas revistas há artigos que articulem migração e gênero. Os artigos encontrados nestas revistas abordam a migração com o trabalho, identidade, territorialidade, assim como, migração interna, de retorno e internacional.

Os dois artigos encontrados que fazem relação entre migração e gênero, foram identificados nas revistas ANPEGE e Ateliê Geográfico. Nestes artigos os assuntos debatidos dialogam com as epistemologias geográficas, seus conceitos e correntes, e as relações de poder do espaço com os imigrantes, como também, o imigrante como força de trabalho, e os discursos hegemônicos sobre a territorialidade dos imigrantes.

Em seguida serão apresentados os seis artigos encontrados nas revistas, e que obedecem os critérios metodológicos aqui atribuídos:

4.1 REVISTAS DE ESTRATO A1 QUALIS CAPES

Quadro 6: REVISTAS DE ESTRATO A1 QUALIS CAPES

Título	Autoria	Origem	População pesquisada	Trajetória Migratória
Migração e HIV/SIDA em Moçambique: Desafios da região centro de Moçambique	Inês Macamo Raimundo	Brasil	População Moçambicana; homens e mulheres	Migração interna e externa, entre Moçambique e as regiões e países vizinhos.
Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo	Rosa Ester Rossini	Brasil	Homens e mulheres	Migração interna
Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico	Joseli Maria Silva e Marcio José Ornat	Brasil	Mulheres, prostitutas	Migração internacional Brasil - Europa
Território Descontínuo Paradoxal, Movimento LGBT, Prostituição e Cafetinagem no Sul do Brasil	Joseli Maria Silva e Marcio José Ornat	Brasil	População LGBTQIAP+	Migração interna

Fonte: Revista GeoUsp

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

O artigo “Migração e HIV/SIDA em Moçambique: Desafios da região centro de Moçambique”, de autoria de Inês Macamo Raimundo (2011), publicado na revista *GeoUsp*, busca estabelecer uma relação entre a mobilidade da população moçambicana e as infecções do vírus HIV/SIDA na região central de Moçambique entre suas regiões e com os países vizinhos, a fim de evidenciar uma territorialização dos índices de infecção, explicando os padrões de deslocamento e difusão espacial da doença na região. O conceito central do trabalho é a mobilidade populacional, referindo-se aos movimentos migratórios que fazem parte do quotidiano sócio-econômico e cultural das populações moçambicanas, identificando estes movimentos e as incidências de infecções do HIV em cada região do país. O artigo baseia-se fundamentalmente em fontes secundárias e estudos diversos. A autora cruzou dados do Ministério do Público de Moçambique, com ONGs que tratam da temática do HIV/SIDA no mundo, articulando e fundamentando o seu trabalho a partir dos estudos elaborados em “O impacto sócio-económico do HIV/SIDA numa perspectiva de género”. Agregados familiares e comunidade nas cidades de Maputo e Quelimane e Centro dos Estudos Africanos e Ministério da Mulher e Coordenação Social. Maputo: 2001 (Casimiro, 2001; Horwitz, 2001; Osório e Arthur, 2002; William, 2002).

Os movimentos migratórios na região derivam dos contrastes internos do país que revelam uma propensão para a disseminação da doença nas áreas de maior mobilidade e que são afetadas por migrações transnacionais de todo tipo, desde movimentos pendulares a deslocamentos sazonais por motivos de trabalho, transporte de mercadores e outras com o valor da taxa de prevalência mais elevado para a região centro, conforme constatado pela autora Inês Macamo Raimundo (2003). A hipótese é de que quais as práticas sociais relacionadas com um determinado tipo de mobilidade propiciam o alastramento da pandemia, sendo este o objetivo central deste trabalho.

A autora busca, através do cruzamento de dados entre homens e mulheres, compreender como o vírus do HIV/SIDA se alastra entre as populações, explicando que as mulheres são infectadas mais cedo que os homens, justamente pelo fator do abuso e violências sexuais que elas sofrem. A autora também explica que as mulheres tendem a migrar cada vez mais para outras regiões, não por razões forçadas, mas sim por livre vontade e desejo de migrar. Este artigo está relacionado

à orientação b) relações de trabalho, já que um dos fatores para a mobilidade populacional moçambicana se dá através da busca por trabalho, além das questões culturais, o que contribui para o alastramento do vírus HIV/SIDA na região. Este artigo analisa a migração no continente africano e os trabalhos aqui apresentados são referentes às migrações latino-americanas, entretanto, encontramos esse artigo presente na revista brasileira GeoUsp. Sua apresentação aqui é uma exceção, e decidimos mantê-lo pela sua contribuição na análise geográfica.

No artigo “Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo”, de autoria de Rosa Ester Rossini (2002), e publicado na revista GeoUsp, a autora discute a relação de gênero e trabalho no Brasil, diante das grandes transformações e inovações tecnológicas no campo, onde a mecanização da agricultura afeta tanto os homens, quanto às mulheres, entretanto, quem mais sofre com estas transformações são as mulheres, e como consequência deste processo acabam ocupando os setores informais do trabalho, ocorrendo assim uma predominância de atividades femininas nas cidades e seu afastamento do campo. Em contrapartida, a presença masculina é afetada em decorrência da mecanização da agricultura, mas ainda assim a presença masculina sobressai a feminina no campo “...pois com a mecanização do campo, não se encontra mulheres operando máquinas sofisticadas” (Rossini, 2002, p.55). A autora apresenta dados que comprovam um crescimento significativo das atividades femininas no mercado de trabalho nos anos 1990 no Brasil, número que dobrou se comparado às décadas passadas, e as estimativas demonstram que seguirá aumentando ao longo dos próximos anos. Entretanto, isso não ocorreu em trabalhos formais com carteira assinada, mas no setor dos trabalhos informais e terceirizados.

A questão da migração presente neste artigo é relatada a partir da onda de desemprego que se apresentava no Brasil na década de 1990, que teve como consequência a migração para o exterior de pessoas em idade produtiva e qualificada. A autora explicita que este aumento significativo e historicamente dominado por homens estava mudando, pois o número de mulheres e homens migrantes estava cada vez mais proporcional. Essa migração, como argumentou a autora, é desigual, pois ao mesmo tempo que o Brasil recebe multinacionais em seu território e que precisam de trabalhadores qualificados, as multinacionais importam trabalhadores de seus países de origem, porque não encontram profissionais

brasileiros qualificados para atuarem em suas empresas. Rossini finaliza o seu artigo com a seguinte manifestação: “O mercado está à procura de pessoas criativas, versáteis, capazes de se adaptar e as mulheres são o FUTURO.” (Rossini, 2002, p. 55)

O artigo de Rossini refere-se a: b) Relações de trabalho, pois a autora investiga o impacto da mecanização do campo entre homens e mulheres e verifica que com a tecnologia implementada no campo, as mulheres tendem a ser mais incorporadas nas cidades que os homens, perdendo assim sua participação ativa no campo e migrando em busca de trabalho para as regiões urbanas do Brasil, ou até mesmo para o exterior.

O texto “Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico”, de autoria de Joseli Maria Silva e Marcio José Ornat (2016), publicado pela revista GeoUsp, investiga como a corporeidade e a sexualidade das mulheres brasileiras é produzida sob o olhar hegemônico eurocêntrico e investiga a capacidade subversiva das prostitutas, no processo de mobilidade espacial, ao criarem estratégias para tirar vantagem desta estrutura de forte exclusão e vulnerabilidade. Os autores Silva e Ornat (2016) investigam estas corporeidades e sexualidades a partir da perspectiva interseccional entre classe, gênero e raça. A metodologia se dá através de entrevistas com mulheres brasileiras profissionais do sexo e residentes na Espanha.

Neste artigo encontram-se dados recentes sobre a imigração de brasileiros para o exterior, e demonstra-se que as mulheres são os sujeitos que mais migram para o exterior, correspondendo a 60,9% dos brasileiros migrantes.

O debate em torno da mobilidade internacional promovida pelo desejo, sexualidade e vantagens financeiras envolvendo o Brasil despertou o interesse de pesquisadoras como Pelúcio, Piscitelli e Assis e Olivar. A intensificação das políticas de combate ao tráfico de pessoas, tanto no Brasil como nos países receptores de fluxos de pessoas provenientes de países periféricos, tem chamado a atenção dos meios de comunicação, que apontam os deslocamentos transnacionais para fins sexuais como perigosos e criminosos, gerando várias polêmicas sobre tal processo, assim apontam em seus estudos.

Os autores finalizam o seu trabalho afirmando que apesar da tropicalização hegemônica produzida sobre as mulheres brasileiras, sobre as quais se estabelece um discurso que exotiza sua corporeidade e sexualidade, as mesmas

reconhecem as estruturas de poder nas quais são colocadas e diante disso, encontram fissuras na estrutura, criando estratégias de sobrevivência frente à vulnerabilidade e exclusão às quais são submetidas. Este artigo encontra-se na orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, pois os autores utilizam destas categorias para compreender os sujeitos migrantes e suas estratégias de sobrevivências perante aos olhares estereotipados e os preconceitos enfrentados pelas suas nacionalidades na Espanha, assim como, seus corpos marginalizados pelas questões de suas sexualidades e de gênero.

O texto de autoria de Joseli Maria Silva e Márcio José Ornat (2014), “Território Descontínuo Paradoxal, Movimento LGBT, Prostituição e Cafetinagem no Sul do Brasil”, publicado pela revista *GeoUsp*, analisa e articula a fluidez de conhecimentos dos grupos de travestis que atuam na atividade sexual no sul do Brasil, e busca compreender as relações que se estabelecem entre as travestis, o movimento LGBT e as Organizações Não Governamentais e as proprietárias de pensões que as acolhem nos territórios em que elas estão presentes. Os autores relatam que: “[...] a multiescalaridade deste fenômeno evidencia a posição móvel e indeterminada das relações, a qual supera a noção de fixação entre as categorias, complexificando as relações entre os sujeitos e o espaço.” (Silva; Ornat, 2014. p. 126).

Para a realização da pesquisa, foram realizadas 22 entrevistas com travestis que atuam na atividade sexual e também 7 entrevistas realizadas com pessoas que atuam em ONGs e que contemplam o grupo de travestis. As entrevistas foram fundamentadas pela perspectiva de Bardin (1977), que apresenta eixos semânticos e discursivos que dão sentido às vivências espaciais do grupo de travestis investigado. A partir da categoria discursiva “fatores espaciais de conectividade”, os autores norteiam suas entrevistas e as relacionam com os atores sociais presentes na pesquisa.

Os autores concluem afirmando que a pesquisa traz alguns desafios aos geógrafos, pois supera a noção de fixidez e de oposição dual as entre as categorias, e que, complexifica as relações entre os sujeitos e os espaços. A atividade de comércio sexual das travestis é exemplo de centro e margem, entre desejo e desprezo, pois evidencia a posição paradoxal e a resistência delas perante à sociedade heteronormativa. Este artigo se relaciona com duas orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade e c) debates teóricos-metodológicos, pois os autores, ao investigar as categorias de gênero, sexualidade e raça,

compreendem que essas categorias são essenciais para observar os territórios e a fluidez dos sujeitos pelo espaço, afirmando que tais categorias não devem ser tratadas como fixas, mas que são móveis, e complexas quando observamos a relação dos sujeitos e sua fluidez com o espaço, assim como, enfatizam que se faz necessária a interseccionalidade, a articulação, de tais categorias, para compreender os arranjos formados, a partir destes sujeitos e seus deslocamentos, no espaço geográfico.

4.2 REVISTAS DE ESTRATO A2 QUALIS CAPES

Quadro 7: REVISTAS DE ESTRATO A2 QUALIS CAPES

Título	Autoria	Origem	População Pesquisada	Trajatória Migratória
Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição	Joseli Maria Silva e Márcio José Ornat	Brasil	População LGBTQIAP+	Migração internacional (Brasil - Espanha)
Nós fazemos parte desse lugar” – Aspectos teóricos da migração e do migrante a uma nova forma de olhar o espaço	Isis do Mar Marques Martins	Brasil	Não há uma população específica (sujeitos migrantes)	Não há uma trajetória específica.

Fonte: Revistas ANPEGE e Ateliê Geográfico.

Elaborado pelo autor - Mateus Alves Garcia

Em “Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição”, de autoria de Josli Maria Silva e Márcio José Ornat (2012), publicado pela revista ANPEGE, compreende-se o processo de mobilidade transnacional de travestis brasileiras, entre Brasil e Espanha, que migram em busca de melhores condições financeiras, aceitação de suas corporeidades e condições de trabalho. Neste artigo, os autores utilizam o conceito de interseccionalidade entre raça, classe, gênero e sexualidade para compreender este processo a partir das experiências espaciais de travestis na Espanha. A pesquisa se utilizou de entrevistas com travestis e homens espanhóis.

Os autores Silva e Ornat (2012) relatam que para compreender a relação de espaço e a existência travesti, torna-se impossível utilizar somente critérios como objetividade e materialidade, pois a fluidez de sua corporeidade, a invisibilidade de sua existência formal e a amplitude e intensidade de sua mobilidade locacional desafiam o espaço material e cartográfico. Diante disso, para compreender e construir a visibilidade espacial de travestis brasileiras em seu movimento transnacional, os autores buscaram, nos argumentos das geógrafas Massey, McDowell, Rose e Valentine, pensar o espaço enquanto relacional, definido a partir das práticas socioespaciais, das relações sociais e de poder.

A migração das travestis tem um fator propulsor, que são as suas vivências no Brasil, onde a maioria é marginalizada, desrespeitada e violentada. Elas partem em direção à Europa, especificamente Espanha, em busca de condições melhores de vida e respeitabilidade, já que na Espanha o debate e as conquistas políticas das populações LGBTQIA+ estão muito mais a frente que no Brasil, país que mais mata esta população no mundo. Na Espanha, as suas experiências com o espaço são outras, visto que o mesmo corpo travesti que é desprezado pela sociedade brasileira, ganha novo sentido na Espanha, como apontam os autores (Silva; Ornat, 2012).

Diferentemente de outras populações migrantes, ao migrarem para Espanha, as travestis não buscam enraizamentos e nem constituir famílias ou manter seus círculos com brasileiros, como é relatado por elas nas entrevistas, mas buscam vivenciar a Espanha como um local de trânsito, de passagem, e de preparo para sua volta ao Brasil, em um tempo mais curto possível, para reestruturar suas relações de poder no seu país de origem (Silva; Ornat, 2012).

A migração dessa população do Brasil à Europa, em boa parte, ocorre de maneira indocumentada, tendo uma rede que viabiliza sua entrada em países da Europa. As características de relação de troca de favores e cobranças para que elas adentrem o continente europeu não são reconhecidas pela maioria delas como “tráfico de seres humanos”, conforme as entrevistas contidas neste artigo.

Sobre a interseccionalidade dos corpos das travestis brasileiras, as mesmas avaliam os elementos de vantagens e desvantagens do país de origem e de recepção, e procuram tirar proveitos das diferenças, mobilizando elementos identitários que provocam paradoxalmente desejo e repulsa. Os autores ainda enfatizam que: “a racialização em torno da nacionalidade destes corpos, desperta o

desejo e a fantasia dos povos colonizadores, e que por isso, muitas delas usufruem destes estereótipos como estratégias de sobrevivência.” (Silva; Ornat, 2012. p. 65).

Por fim, afirmam que o desenvolvimento dessa trajetória espacial evidencia a resistência à exclusão e ao preconceito que as coloca em situação de invisibilidade social, mas que é a própria invisibilidade que facilita seus fluxos e o desenvolvimento de estratégias para ultrapassar as fronteiras nacionais.

Este artigo relaciona-se à orientação a) Identidade, subjetividade e interseccionalidade, pois os autores utilizam o conceito de interseccionalidade entre raça, classe, gênero e sexualidade para compreender a mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha, a partir de relatos e experiências de travestis, que compreendem as vantagens e desvantagens de suas corporeidades e suas nacionalidades entre estes dois territórios.

No artigo “Nós fazemos parte desse lugar” – Aspectos teóricos da migração e do migrante a uma nova forma de olhar o espaço”, de autoria de Isis do Mar Marques Martins (2011), e publicado pela revista *Ateliê Geográfico*, a autora buscou compreender os aspectos relativos à migração e ao imigrante a partir de alguns pressupostos conceituais da geografia. Com isso, propõe-se a analisar três correntes distintas do pensamento geográfico.

Primeiramente, a migração e o imigrante como força de trabalho, para a qual a migração ocorre por sua necessidade ao trabalho como forma de satisfazer as necessidades do capital, compreendendo o espaço como estático e os processos migratórios historicizados. Essa construção historicizada reflete a influência marxista nas obras de Gaudemar (1977) e Singer (1980). A autora primeiramente busca nestes autores a origem dos conceitos sobre migração e o imigrante.

Outro ponto que a autora analisa é “o imigrante como trunfo em um jogo de relações de poder”, para o qual Claude Raffestin contribui com sua análise vinculada às esferas do poder e auxilia a pensar a relação entre mobilidade e trabalho como parte de vários processos e fenômenos que propulsionaram os movimentos migratórios. Em seu livro *Por uma geografia do poder*, argumenta a autora, Raffestin traduz sua perspectiva para a relação entre população, poder e geografia, entendendo a população como trunfo. Trunfo porque, como a autora cita Claude Raffestin: “A população é concebida como um recurso, um trunfo portanto, mas também como, um elemento atuante. A população é mesmo o fundamento e a fonte de todos os

atores sociais, de todas as organizações. Sem dúvida é um recurso, mas também um entrave no jogo relacional.” (Raffestin, 1976, p. 67.)

E o terceiro ponto que a autora evidencia é a inserção do migrante em uma série de discursos hegemônicos que engendram territorialidades impostas. Discursos estes que não consideram a existência da territorialidade do imigrante, seus desejos e movimentos que estão inerentes ao seu ser, citando Sayad: “mais do qualquer outro objeto social, não existe outro discurso sobre o imigrante e a imigração que não seja um discurso imposto; mais do que isso, é até mesmo toda a problemática da ciência social da imigração que é uma problemática imposta. E uma das formas dessa imposição é falar dele como um problema social.” (Sayad, 1998, p. 56).

A autora busca nas palavras de Sayad (1998) formas para explicar a relação de alteridade em que vivem os sujeitos migrantes, e salienta que não é só o processo social dos grupos de trabalho e essa necessidade da migração pelo trabalho que tem de ser vista, mas sim toda sua trajetória como sujeito no mundo.

Conclui afirmando que é nas múltiplas geografias, potencialmente na liberdade efetiva e na conscientização de suas ferramentas de transformação na construção do espaço e cotidianamente nos encontros, bem como nas palavras e nos gestos andantes, que o migrante faz-se migrante, e não só pelo seu movimento, mas rotineiramente na sua própria territorialidade:

É possível pensar, portanto, na possibilidade de ver o ato de migrar como imanente a nossas próprias relações de liberdade e igualdade, ou ao menos na possibilidade de estabelecê-las. O migrante vê na tentativa da partida o propício movimento para o encontro com o desconhecido, e é no desconhecido que em geral ele encontra os discursos de igualdade e liberdade consentidas, impostas por uma determinada hegemonia e qualidade de vida que se “põe ao respeito com o espaço dos outros e do outro, que não é seu (MARTINS, 2011, p. 319).

A autora navega por diversos autores e autoras ao longo do seu artigo, costurando as correntes geográficas desde o primeiro conceito sobre migração, passando pelas teorias tradicionais, pelo marxismo, e também teorias críticas ao Estado, a migração como elemento constitutivo do sujeito social, as multiterritorialidades, a relação de alteridade com os sujeitos migrantes, às geometrias de poder. Busca em autores e autoras como Haesbaert, Sayad e Massey, por exemplo, respostas para compreender o fenômeno migratório no mundo e como

a ciência geografia o interpreta e o enxerga no espaço, propondo um outro olhar sobre o ato de migrar. Este artigo relaciona-se com a orientação c) debate teórico-metodológicos nos estudos de migração, visto que a autora faz uma análise histórica sobre as teorias e métodos da geografia e se posiciona em relação aos atuais debates teóricos e metodológicos sobre a geografia, os estudos migratórios e seus sujeitos e trajetórias, propondo outras formas de analisar os sujeitos migrantes pelo espaço, respeitando suas identidades, trajetórias e desejos.

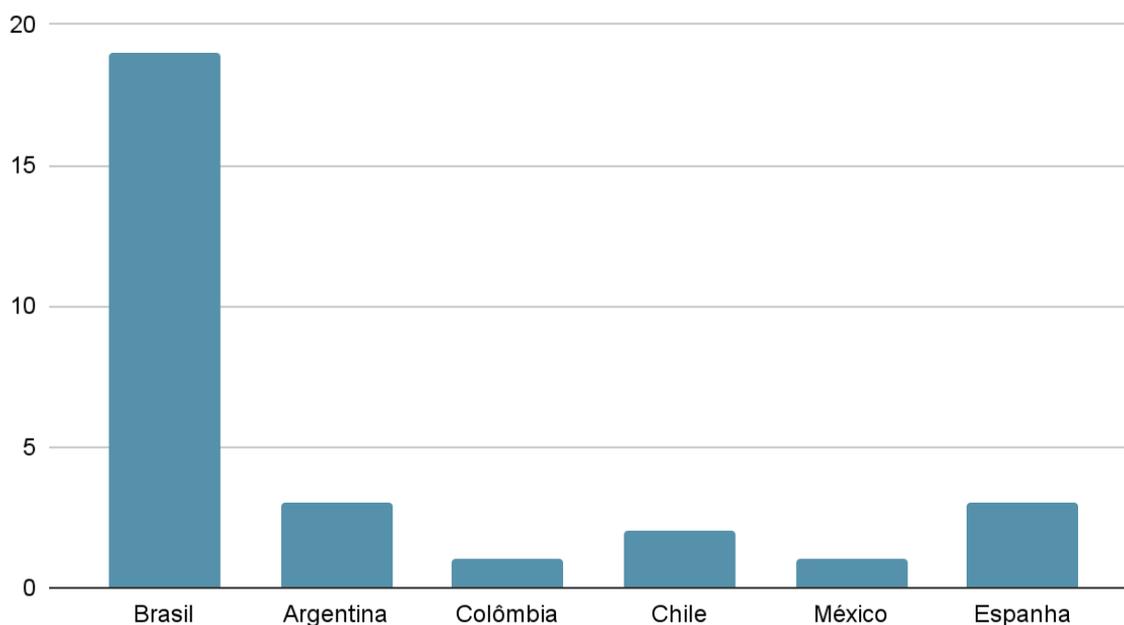
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que, ao longo da última década, o fenômeno migratório vem sendo mais debatido e pesquisado em eventos e revistas de geografia sob a perspectiva feminista, embora ainda escassos. É possível observar que no Seminário Latino Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades, houve uma crescente produção sobre o tema, ao longo das quatro edições do evento, entre 2011 e 2019. Observa-se que na última edição do seminário foram publicados oito artigos relacionados às migrações, sendo um dado bem considerável em relação às edições passadas. No entanto, nas revistas científicas de geografia, notamos a presença da temática migratória mas de forma tímida. Na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, que tem em seu propósito as questões de gênero articuladas com a Geografia, notamos a presença da temática migratória, advinda em boa parte de outras áreas do conhecimento como a Sociologia e a Antropologia, e que as produções geográficas relativas à temática somam apenas quatro publicações ao longo destes dez anos, em suas vinte edições publicadas. Em relação às revistas de maior conceito e de estrato A1 e A2 Qualis Capes, do total de doze revistas geográficas, encontramos apenas seis artigos sobre migração e gênero, também números muito baixos sobre este tema e perspectiva, nas maiores revistas de Geografia do Brasil.

Neste trabalho, analisamos artigos oriundos de diversas nacionalidades, já que a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero e o Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades recebem e publicam produções advindas de toda América Latina. O Brasil aqui se configura como o maior produtor científico sobre essa temática, seguido da Argentina, Chile, México, Colômbia, Venezuela e também artigos do continente europeu, como a Espanha.

Gráfico 2: País de origem das publicações encontradas:

País de origem das publicações encontradas



Fonte: Anais e Revistas citadas e consultadas neste trabalho
Elaborado pelo autor Mateus Alves Garcia

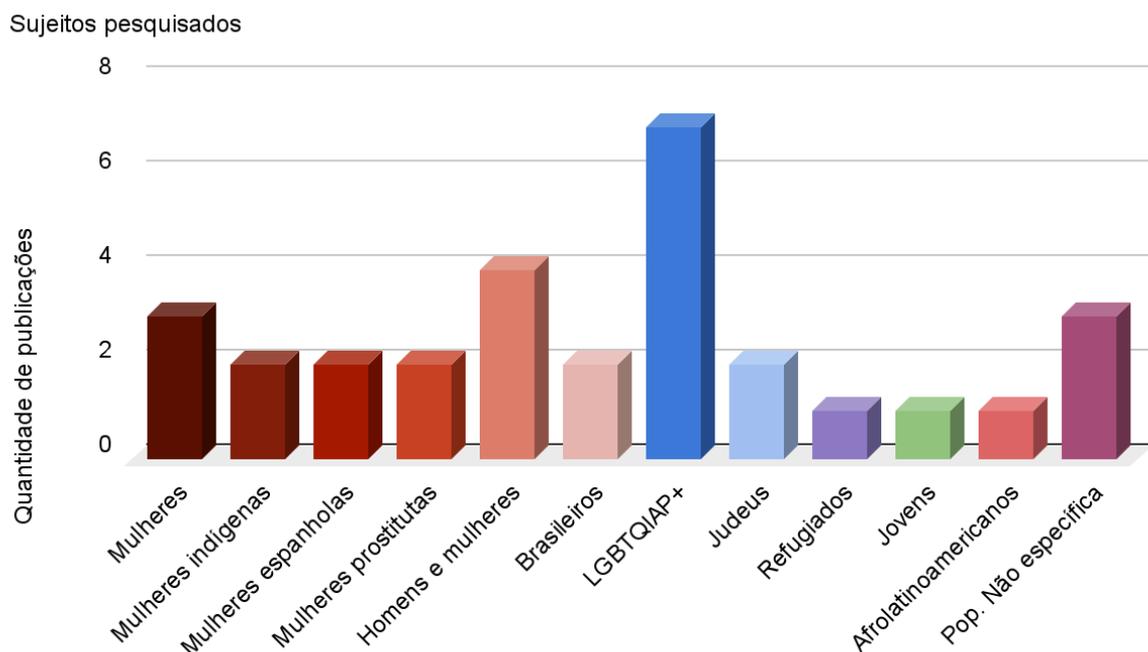
As questões migratórias na América Latina estão crescendo e, portanto, fazem-se necessárias produções acadêmicas que se preocupem em valorizar e evidenciar que, quando estamos falando sobre migração, estamos falando de pessoas, e os sujeitos não se deslocam e migram exclusivamente pela força do capital, mas que há desejos e motivações que os levam a deslocar-se pelo espaço e produzir outras possíveis territorialidades.

A importância das geografias latino-americanas e de produções científicas oriundas de países da América Latina é muito importante, pois buscam outras narrativas e formas de investigação e análise do espaço, como apontado pelo artigo de Torres-Rodriguez (2014). Tais produções buscam romper com a norma vigente criticando as ausências de sujeitos historicamente marginalizados e silenciados, como as mulheres e a população preta e LGBTQIA+. Demonstrando que as desigualdades, sejam quais forem, tem outras nuances quando vivenciadas em países pobres do sul global em relação aos países ricos do norte global. Apontando outras formas de violência sofridas pelos migrantes por conta da sua nacionalidade e cultura, por exemplo. Artigos que retratam as diferentes formas que as violências como a xenofobia, o racismo, a homotransfobia se manifestam aos sujeitos que

tomam a decisão de migrar para os países ricos e desenvolvidos do norte global. Produções que também manifestam as dificuldades e obstáculos de desenvolver e publicar artigos com tais temáticas dentro da academia, como é protestado pelas autoras Menezes, Reis e Muller (2019).

É possível notar que não somente a quantidade de publicações sobre migração cresceu ao longo dos anos, mas também os grupos populacionais pesquisados. As mulheres e a população LGBTQIAP+ constam como os sujeitos mais pesquisados em todas as fontes. Além de jovens, homens, populações indígenas e populações em situação de refúgio e vulnerabilidade.

Gráfico 3: Sujeitos pesquisados



Fonte: Anais e Revistas citadas e consultadas neste trabalho
Elaborado pelo autor Mateus Alves Garcia

No gráfico acima é possível notar que as mulheres, num amplo espectro de suas identidades, são os sujeitos mais pesquisados. Já era esperado que as trajetórias migratórias de mulheres fossem a maioria, visto que boa parte dos estudos tem um enfoque de gênero e procura visibilizar justamente as mulheres como sujeitos migrantes. Esse dado sobre pesquisas relativas às mulheres já havia

sido exposto por Madrid, Lenzi e Eberhardt (2019), em pesquisa similar acerca da produção das três primeiras edições do SLAGGS como um todo.

Ao longo deste trabalho, encontramos publicações que evidenciaram a necessidade do gênero como categoria de análise espacial. Os artigos de Rossini (2002), Silva (2010), González (2019) e Martins (2014), são bons exemplos da importância de incluir o gênero e as mulheres nos estudos migratórios. Em suas análises, as autoras reivindicam a inclusão da categoria de gênero, dando notabilidade às práticas espaciais, suas trajetórias e territorialidades.

É importante notar os trabalhos que se dedicam a compreender como a população LGBTQIAP+ tem experienciado o espaço. Encontramos aqui artigos que buscam ressaltar as violências e preconceitos sofridos por essa população, assim como as mulheres, mas que diante de toda exclusão e vulnerabilidade, encontram fissuras e estratégias de sobrevivência frente à histórica marginalização destes sujeitos. Os trabalhos de Silva (2014), Silva e Ornat (2017) e Name e Carrillo (2017), tratam de dar luz às questões relativas destas populações e criar outras formas de análises, propondo, por exemplo, cartografias alternativas que consigam compreender e investigar as questões que atravessam estes sujeitos, seus fluxos e deslocamentos pelo espaço.

Os temas dos trabalhos encontrados nas revistas e nos seminários relacionam-se a trabalho, refúgio, imigração indocumentada, tráfico de pessoas, prostituição, mobilidade urbana e rural, migrações transnacionais, e debates epistemológicos sobre as geografias e os estudos sobre migração entre as correntes geográficas, e novas metodologias de análise espacial como a interseccionalidade de gênero, raça e sexualidade como forma de compreender as dinâmicas espaciais do presente.

Nota-se que a produção destes artigos é debatida e pesquisada tanto por mulheres quanto por homens, cis e trans, individualmente ou em coautorias. A autora Joseli Maria Silva (UFPR) e o autor Márcio José Ornat (UEPG) se destacam, por serem os dois autores com mais contribuições para o debate migratório e para as epistemologias feministas na geografia. Ambos apresentaram cinco artigos, individualmente ou em coautorias, em três revistas diferentes e edições do Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades.

Entre leituras e análises destes artigos, foi possível notar um dado extremamente relevante sobre a migração de homens e mulheres no Brasil. No

artigo de Rossini (2002), ela nos informa que o percentual entre mulheres e homens que migram para fora do país tem diminuído, já que até o final do século passado os homens representavam a maioria da população migrante do país. Porém, o dado é atualizado com os autores Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat (2016), quando relatam em seu artigo “Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico”, que mais de 60% da população que migra para o exterior do Brasil é composta por mulheres.

Percebemos que as Geografias Feministas e de Gênero, de acordo com as publicações nas revistas e nos seminários, avançaram no debate acerca dos estudos migratórios, com artigos que questionam e criticam as metodologias clássicas da Geografia; com trabalhos que, além de questionar a ausência e o pouco avanço sobre a temática migratória contemporânea na Geografia, provocam o/a leitor/a e os/as geógrafos/as à necessidade de uma reflexão teórica sobre o papel do conceito de território e às novas territorialidades dos processos migratórios, como afirma González (2019); e que também avançam na análise interseccional, expondo que os sujeitos migrantes não são neutros no espaço, assim como demonstram Joseli Maria Silva e Márcio José Ornat :

[...] a interseccionalidade está diretamente relacionada com o corpo, seus marcadores e o espaço. Ser um imigrante significa ter marcas corporais que são lidas e interpretadas por uma cultura que lhe é estranha e com a qual deve se relacionar (Silva e Ornat. 2017, p.648).

A categoria de interseccionalidade é significativamente percebida nos artigos analisados. Conseguimos identificar que alguns autores e autoras buscaram em suas análises espaciais compreender os sujeitos migrantes sob diversas óticas e marcadores sociais e políticos que atravessam os sujeitos e o espaço. As categorias de gênero, classe, raça, nacionalidade e sexualidades influenciam e delimitam a mobilidade espacial e o acesso a determinados espaços, assim como interferem em suas trajetórias até o destino que almejam alcançar. Ao articular o fenômeno migratório e a construção das correntes geográficas e suas epistemologias ao longo de décadas, a autora Isis do Mar Marques Martins enfatiza que:

[...] produzir geografias é produzir múltiplos espaços em encontro com o novo, e que, a partir deste encontro, há possibilidades de construir identidades efetivamente políticas, um espaço de todos e para todos, naquilo que vamos chamar de cidadania (Martins, 2011. p.1).

Com as análises apresentadas nesses estudos, conseguimos perceber três principais orientações de construção teórico-conceitual e análise, como já exposto: Identidades, subjetividades e interseccionalidades; relações de trabalho; e debates teórico-metodológicos nos estudos de migração e gênero.

Fazem parte da orientação **Identidades, subjetividades e interseccionalidades**, artigos que expressam debates sobre identidades culturais ou interseccionais, mudanças culturais, preconceitos, novas formas de relações sociais e papéis de gênero no contexto das migrações. Em sua maioria, através do conceito de interseccionalidade, buscam compreender as diferentes marcas sociais que compõem os sujeitos migrantes, como: gênero, raça, classe social, etnia, sexualidade e nacionalidade. Estes elementos identitários diferenciam os sujeitos no espaço e interferem suas relações e trajetórias, que refletem opressões específicas em relação às estruturas de poder no espaço. Nesse sentido, segundo González (2019, p. 435):

Las nuevas posiciones teóricas estimulan el interés por la complejidad de las experiencias de las mujeres y a combinar la dimensión de género con otras causas de la diferencia, como la etnicidad, la clase social, la nacionalidad o la sexualidad. Sin embargo, a pesar de las importantes implicaciones que la interseccionalidad posee para el análisis de la producción del espacio y el poder... el concepto se ha introducido sólo recientemente en la Geografía del Género.

Os textos que compõem a orientação **Relações de trabalho** focam nas condições de mulheres e homens trabalhadoras/es, relações desiguais de gênero, precariedade, desigualdade e violência no contexto do trabalho e lutas por melhores condições de vida. Estes estudos podem se enquadrar nas concepções histórico-estruturais, que analisam que grupos e classes sociais sofrem com a força de estruturas sociais, o que explica a maior ou menor propensão para a migração (Póvoa Neto, 1997); bem como na perspectiva da mobilidade do trabalho, em que os deslocamentos populacionais derivam da submissão do trabalhador às forças de mercado, deslocando-se (espacial e/ou setorialmente) entre os diversos ramos da atividade econômica (Gaudemar, 1977 apud Póvoa Neto, 1997, p. 20). Trata-se, portanto, da migração por sua necessidade ao trabalho como forma de satisfazer as necessidades do capitalismo (Martins, 2011). Também foram identificados artigos que analisam as relações de trabalho e as influências da globalização sobre os

deslocamentos populacionais, baseadas nas teorias de Milton Santos (2008) e de David Harvey (1993), sobre a reestruturação produtiva do capital e seus efeitos no mundo do trabalho.

A terceira orientação encontrada nos textos, **debates teórico-metodológicos nos estudos de migração e gênero**, engloba artigos que buscam sistematizar as produções referentes às migrações por meio de revisões teórico-metodológicas, considerando os debates epistemológicos da Geografia e suas abordagens e em relação aos estudos migratórios.

O presente trabalho enquadra-se na terceira orientação, pois teve como objetivo principal compreender as diferentes abordagens dos estudos migratórios feitos pelas Geografias de Gênero e Feministas, apresentando um panorama das produções relativas ao tema, bem como ampliar o debate e contribuir de maneira crítica e reflexiva sobre as abordagens e metodologias presentes na Geografia contemporânea. É evidente que esta sistematização tem um objetivo analítico e que os textos podem se enquadrar em mais de uma orientação.

Este trabalho se propôs a demonstrar, a partir do recorte de gênero, um panorama sobre as publicações em eventos e revistas de Geografia, e como as geografias de gênero e feministas têm encarado o fenômeno migratório. Iniciamos esta pesquisa em eventos e periódicos que se dedicam a compreender os estudos geográficos sob estas análises e perspectivas espaciais. A partir de então, nos questionamos sobre como está sendo tratado este tema e perspectiva em periódicos de maior estrato da Capes. Salienciamos que esta pesquisa não termina aqui, pois uma de nossas hipóteses é que tais publicações e temas referentes às migrações e gênero e a outros marcadores sociais e abordagens teórico-metodológicas, não conseguem adentrar as revistas mais bem avaliadas, e que é possível, que encontremos mais publicações em revistas de menor estrato, como B1, B2, B3 e assim por diante.

Ao todo, foram analisados e apresentados vinte e nove artigos pertencentes a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, as quatro edições do Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidades e as revistas de estrato A1 e A2 Qualis Capes, demonstrando um número razoavelmente baixo de pesquisas sobre a temática, dado que a migração é fenômeno de enormes dimensões, e que, sobretudo nos últimos 10 anos, o Brasil, assim como, outros países da América Latina, tem recebido muitos imigrantes em seus territórios, advindos de países

vizinhos da América do Sul e Central, ou até mesmo de outro continente, como os imigrantes do continente Africano.

Em tempos de guerras, mudanças climáticas e catástrofes ambientais e outros fatores que interferem na mobilidade humana, em múltiplas escalas, e no que tange a desejos, anseios e vulnerabilidades dos sujeitos migrantes, os debates acerca das migrações se fazem cada vez mais necessários. Na busca por políticas e direitos que amparem os sujeitos contra qualquer violência e xenofobia, e contrário a qualquer tipo de exploração e precarização de seus trabalhos. Aspiramos por respeito, dignidade humana e um mundo sem fronteiras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, foi possível observar que há geógrafas e geógrafos comprometidos em investigar o fenômeno migratório na atualidade. Mesmo com pouca expressão de artigos aqui encontrados, sabe-se que há pesquisadores investigando cada vez mais a fundo este tema e que buscam por teorias e métodos que possam contemplar a complexibilidade que abarca os movimentos migratórios e seus sujeitos. Metodologias que tentam compreender a dinâmica migratória, suas trajetórias e a diversidade de vontades e desejos dos sujeitos que compõem este fenômeno. Sabemos que não há apenas um motivo para alguém ou um grupo de pessoas tomar a decisão de migrar, mas que os motivos são diversos, podendo ser por questões econômicas, ambientais, sanitárias, por segurança, qualidade de vida, acesso a direitos e ao bem estar ou pelo simples desejo de querer partir.

A escolha por este tema e pesquisa é decorrente dos anos de trabalho em que me propus a investigar o fenômeno migratório, como também, estratégico. No ano de 2022, após a pandemia de covid-19, me formei em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina de forma remota, através de uma webcam. E foi muito doloroso encerrar uma etapa dessa jornada totalmente a distância das pessoas que contribuíram para a minha caminhada, sem ao menos ter o ritual de passagem que é uma formatura. Desde então, tem sido um desafio entrar em sala de aula no contexto de precariedade e nas condições exaustivas de trabalho em que se encontra a educação brasileira. Em meio a tudo isso, me inseri com uma carga horária extensa de trabalho no município de Florianópolis, como também me tornei um colaborador da Bugio Produções no centro da cidade, trabalhando noite e dia, e tendo pouco também para me dedicar efetivamente a minha carreira acadêmica como gostaria. A elaboração deste trabalho de conclusão de curso tem sido um desafio contra o tempo, mas também a busca pelo reconhecimento de tantos anos dedicados dentro da universidade, onde passei pelos três braços em que a estruturam: extensão, pesquisa e ensino. Optei por ingressar no curso de Geografia na UFSC, com o objetivo de me tornar um geógrafo brasileiro licenciado e bacharel, e ter o poder de atuação em todas as áreas em que me competem.

Como estudante de graduação, assumo as limitações em minhas análises e abordagens teórico-metodológicas, porém o desejo de ampliar meus conhecimentos e a busca por outras narrativas sobre o espaço e os sujeitos que o produzem, alimentam e desafiam este estudante brasileiro, preto e pertencente à comunidade LGBTQIAP+, e que também, é um sujeito migrante e produtor de espaço, ao se colar como um pesquisador feminista e antirracista, contribuindo, através deste trabalho e de minhas experiências espaciais, com uma ciência geográfica que evidencia e reflete sobre os sujeitos historicamente marginalizados e invisibilizados pela sociedade global e científica. E assim, respeito meu processo de ensino aprendizagem ao elaborar este trabalho, pois estou em constante construção como sujeito, estudante, professor, pesquisador e geógrafo.

A migração e as Geografias de Gênero e Feminista contribuíram muito para o pesquisador que sou e almejo me tornar, proporcionando um olhar crítico e sensível sobre o espaço, com trocas e experiências de outros lugares e línguas, como o espanhol. Com estes artigos e o Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades, tive a oportunidade de elaborar um artigo e apresentar minha pesquisa em outro país da América Latina, o Chile, em 2022, no V SLAGGS. Com esta experiência, pude enriquecer meus estudos e debates sobre Geografia e migração, do mesmo modo que me proporcionou um intercâmbio linguístico e intelectual com outros geógrafos e geógrafas da América Latina.

Espero chamar a atenção para as questões migratórias contemporâneas, bem como provocar pesquisadores/as para uma reflexão sobre as produções geográficas atuais e seus métodos de analisar o espaço, as migrações e os sujeitos migrantes e suas trajetórias. Evidenciando e demonstrando que há sim produções científicas comprometidas em dar luz a estes a estes sujeitos. Desejo que até aqui eu tenha conseguido atingir os objetivos a que me propus, proporcionando e contribuindo para outras possíveis narrativas e debates sobre as migrações e as geografias feministas latino-americanas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Helen. V. S.; SILVA, Maria. N. G. ALVES.; Hellison. A. S. Argentina, o destino da liberdade? Narrativas LGBT e intersecções entre gênero, sexualidade, fronteiras e imigração. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Tandil, Argentina, 2019. v. 4. p. 237-245.

ANDRADE, Vitor. L. **Refúgio por motivos de orientação sexual: um estudo antropológico na cidade de São Paulo**. Florianópolis: Edufsc, 2019.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 3, set./dez, p. 745-772, 2017.

CABRERA, Dalla. G. V. Violencias hacia las mujeres en contextos de trabajo doméstico en San Cristóbal de Las Casas, Chiapas. **In Anais: III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**, Ciudad de México, México, 2017. v.3. p. 764-774.

CASTLES, Stephen . **Entendendo a migração global**. Uma perspectiva desde a transformação social. Rev. Inter. Mob. Hum, 35 (1), p.11-43, 2010.

COSTA, Carmen. L. Reestruturação produtiva, precarização e feminização do trabalho docente em catalão goiás: Algumas considerações. **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO**. Rio de Janeiro, Brasil, 2011. v.1. [s/n]

FABI, Fábila. D. C. . Mujeres y barrios: Ejercicio de autorreflexión desde una trayectoria investigadora y activista en Geografía (2002-2011). **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO**. Rio de Janeiro, Brasil, 2011. v.1. [s/n]

FRANCO, Daniela.; SOURROUILLE, Julieta. La territorialización de las mujeres mapuches en la ciudad de Trelew: sus tejidos como forma de resistencia que se imprime al habitar la ciudad. **Revista Latino-Americana de Geografía e Género**. Ponta Grossa. v.1, n.2. p.225-232. 2010. Doi: <http://dx.doi.org/10.5212/Rlagg.v.1.i2.225232>. Acesso em: 29 ago. 2023

GONZÁLES, Myriam. S. Género y migraciones. Una mirada desde la perspectiva geográfica. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Tandil, Argentina, 2019. v.4 p. 433-422.

HARVEY. David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens de mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

MADRID, Camila.; LENZI, Maria. H. EBERHARDT, Bárbara. Panorama da produção geográfica das três edições do Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e

Sexualidades. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO, E SEXUALIDADES.** Tandil, Argentina, 2019. v.4. p. 47-52.

MASSEY, Doreen. **A mente geográfica.** GEOgraphia, v. 19, n. 40, p. 36 - 40, 5 out. 2017

MARTINS, Luciane. R. As tensões e as representações sociais criadas sobre brasileiros a partir das discussões no youtube. **In Anais: II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES..** Porto Velho, Brasil, 2014. v.2 p. 1223-1237.

MARTINS, Luciane. R.; PRZYBYSZ, Juliana. Representações sociais do gênero no contexto da recente imigração de brasileiros para Portugal: Uma análise a partir do youtube. **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO.** Rio de Janeiro, Brasil, 2011.[s/n]

MARTINS, Isis. do M. M. “Nós fazemos parte desse lugar” – Aspectos teóricos da migração e do migrante a uma nova forma de olhar o espaço - DOI 10.5216/ag.v5i2.15493. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 292–320, 2011. DOI: 10.5216/ag.v5i2.15493. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/15493>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MEDIANEIRA, Maria. S.; SOARES, Paulo. R. R. Reflexões sobre identidade judaica e gênero no seu processo de (re)territorialização no Rio Grande do Sul. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero.** Ponta Grossa. v. 3, n. 2, p. 106-115. 2012. Doi: 10.5212/RIagg.v.3.i2.106115. Acesso em: 29 ago. 2023

MEDIANEIRA, Maria. S.; SOARES, Paulo. R. R. Judeus: Identidade e Gênero. **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO.** Rio de Janeiro, Brasil, 2011.[s/n]

MENEZES, Elisângela. F.; Reis. Rodrigo. A.; Muller. Carlos. S. Precisamos falar sobre tráfico humano e suas configurações sócio-espaciais na Pan Amazônia. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES.** Tandil, Argentina, 2019. v. 4. p 443-449.

NAME, Leo., & Carrillo. Oswaldo. F. F. Cartografías alternativas decoloniales: género, sexualidades y espacios en una universidad en área transfronteriza. **In Anais: III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES.** Ciudad de México, México, 2017. v. 3. p. 567-594.

ORNAT, Marcio. J.; SILVA, Joseli. M. Território Descontínuo Paradoxal, Movimento LGBT, Prostituição e Cafetinagem no Sul do Brasil. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 113-128, 2014. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.81087. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81087>. Acesso em: 29 ago. 2023.

PIEDRAHITA, Hector. F. D. Relación Cuerpo-Territorio desde las identidades transexuales. **In Anais. IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**, v. 4. 2019, Buenos Aires, Argentina, 2019. p. 111-117.

POVOA NETO, H. **Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise.** Experimental. Humanitas Publicações FFLCH/USP. São Paulo, n. 2, p. 11-24, março de 1997.

RAIMUNDO, Inês. M. Migração e HIV/SIDA em Moçambique: Desafios da região centro de Moçambique. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 43-55, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74204. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74204>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ROSSINI, Rosa. E. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 47-56, 2002. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2002.123771. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123771>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ROSSINI, Rosa. E. Geografia e gênero: a modernidade técnico-científica na agricultura canvieira paulista eliminou quase toda a força de trabalho de homens e de mulheres no talhão: macroárea de Ribeirão Preto-SP. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES.** Tandil, Argentina, 2019. v. 4. p. 523-528.

RIBEIRO, Carolina; FERNANDES, Duval; MOTASANTOS, Carolina. Inserção no Mercado de Trabalho Brasileiro por Haitianos: Uma Perspectiva de Gênero. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero.** Ponta Grossa. v. 10, n. 1, p. 126-145, 2019. ISSN 21772886. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11193/pdf_7. Acesso em: 29 set. 2023.

RODRIGUEZ, Martin. I. T. Vivências geográficas plurais de gênero, sexualidade e raça em imigrantes afro-americanas na cidade de Santiago do Chile. **In Anais: II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES:** Porto Velho, Brasil, 2014. v.2 p. 396-419.

SANTOS, Maria. M.; Soares, Paulo. R. R. Judeus: Identidade e gênero. **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO.** Rio de Janeiro, Brasil, 2011. [s/n]

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SERRA, Isabel. S; et al. Emprender e innovar en el mundo rural. Experiencias de mujeres y hombres jóvenes en España. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES.** Tandil, Argentina, 2019. v. 4. p. 529-536.

SILVA, Felipe. M. B. Travestis e tensões acerca das fronteiras de gênero e sexo – prostituição na Lapa e adjacências: territorialidades multifacetadas. **In Anais: II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES.** Porto Velho, Brasil, 2014. v. 2. p. 169-188.

SILVA, Joseli. M. Geografias Pós-Coloniais: Imigração Ilegal e as Brasileiras na Atividade Comercial Sexual na Espanha. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, v.1, n.1,p. 49-57, jan. / jul. 2010.Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, 1 (1), 49-57. 2010

SILVA, Joseli. M.; Ornat, J. Marcio. Uma Análise Interseccional de Imigrantes Brasileiros LGBT em Brighton – Reino Unido. **In Anais: III SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Ciudad de México, México. v. 3. p. 643-660.

SILVA, Karine. de S.; MORAIS, Pâmela. S. V. GÊNERO, RAÇA E INTERSECCIONALIDADES NO PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO: ENTRE SILENCIAMENTOS E PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS EM FLORIANÓPOLIS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 36, p. 312–339, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1231>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SOTO, Paula.; Fawaz, Julia. Prácticas de movilidad en territorios rurales. Lugares, significados e imágenes en las experiencias de movilidad cotidiana de mujeres de la región de Ñuble en Chile. **In Anais: do IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Tandil, Argentina, 2019. v. 4. p. 553-561

SILVA, Joseli. M.; ORNAT, Márcio. J. Corporeidade, sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 69-82, 2016. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2016.98302. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/98302>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVA, Joseli. M.; ORNAT, Márcio. J. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 8, n. 10, p. 51–66, 2017. DOI: 10.5418/RA2012.0810.0004. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6501>. Acesso em: 30 nov. 2023.

TORRES-RODRIGUEZ, Martin. I. Vivências geográficas plurais de gênero, sexualidade e raça em imigrantes afro-americanas na cidade de Santiago no Chile. **In Anais: II SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Porto Velho, Brasil, 2014. v. 2. p. 396 -419.

TULLA, F. Antoni.; CASELLAS, Antonia.; BLANCH, Marta.P; VERA, Ana. Relaciones de género, políticas locales y viabilidad económica en la Cataluña rural. **In Anais: I SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE GEOGRAFIA E GÊNERO: ESPAÇO, GÊNERO E PODER**. Rio de Janeiro, Brasil, 2011. [s/n]

VARELA, Brisa. Intercepciones en los estudios migratorios: Geografía de género, literatura y psicoanálisis. **In Anais: IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADES**. Tandil, Argentina, 2019. p. 451-458